ISTOÉ
A SEMANA
Edição 11
- 14/11/25

A FORÇA DO AGENTE SECRETO

Com o novo filme do cineasta Kleber Mendonça Filho, o Brasil alimenta o sonho de mais um Oscar

ISTOÉ sustentável

ines249

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br

ines249

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Capa

Página **35**

Nas apostas do Oscar estão Kleber Mendonça Filho e "O Agente Secreto"

Índice

CAPA: FOTO DE DEIVISSON CARVALHO

4 ENTREVISTA

7 BRASIL

17 ECONOMIA

21 INTERNACIONAL

25 TECNOLOGIA

26 SAÚDE

28 GENTE

31 ESPORTE

33 ESTILO DE VIDA

35 ENTRETENIMENTO

41 O MELHOR DAS REDES

42 PALAVRA POR PALAVRA

DIVULGAÇÃO

Heineken inaugurou megafabrica em MG

DANI PAIVA/ DIVULGAÇÃO ABL

Ana Maria Gonçalves é a nova imortal das letras

DIVULGAÇÃO

Ludmilla investe em R&B no álbum "Fragmentos"

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR DE MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
@revistaistoe

YouTube
m.youtube.com/@revistaISTOE

X
@revistaISTOE

TikTok
@revistaistoe

LinkedIn
https://linkedin.com/company/istoe/

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi, São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos.
A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

ines249

"A sociedade ficou careta. A propaganda só acompanha o que está acontecendo"

LEONARDO MONTEIRO/CDI

"O algoritmo nos controla de maneira quase perversa"

Marcello Serpa, um dos maiores nomes da publicidade mundial, fala sobre criatividade, prêmios e como o algoritmo está matando nossa capacidade de "ouvir o outro lado"

Referência mundial na publicidade e dono de 168 Leões do Festival de Cannes – a principal premiação do mercado –, o brasileiro Marcello Serpa decidiu em 2015 deixar a propaganda. Saiu da sociedade da AlmapBBDO, uma das mais premiadas agências do país, e partiu para o Havaí, de onde retornou apenas em 2023. Parte de sua trajetória está no livro "Vendo" (Ed. Afluente), que lançou nesta semana. Como um especialista em comunicação e criador de campanhas famosas, como as de Havaianas e Volkswagen, ele fala nesta entrevista sobre marcas que assumem riscos e sobre a influência dos algoritmos, que estão isolando as pessoas em grupos que não toleram opiniões e vidas diversas.

Eduardo Vargas

Como foi – após tantos anos de carreira e de ter ficado à frente de algumas das campanhas mais conhecidas dos brasileiros – ter ido para o Havaí para um sabático de dois anos, que virou mais do que o triplo do tempo planejado?

Foram 35 anos de propaganda. Essa é uma daquelas profissões que exigem muito da pessoa. É um ofício intenso. A produção de campanhas exige uma atenção fantástica, criatividade o tempo todo, equipes e prazos. E é muito tenso. Depois de 35 anos, a Almap, à época, já tinha um sucesso absurdo e eu estava fazendo 50 anos. Achei que era hora de parar e fazer alguma coisa nova na vida. Sair assim era uma decisão difícil de se tomar. Porque era para ser um reset por completo. Tinha de sair de perto de todo aquele ambiente maluco. A decisão foi familiar, não foi só minha. Tinha um desejo enorme de surfar enquanto meus joelhos ainda permitissem. E a gente resolveu fazer um sabático de dois anos [mas Serpa só retornou ao país sete anos depois]. Eu não queria ter uma síndrome de abstinência e passar por algum tipo de nostalgia. Então, falei: "vamos mudar totalmente de ambiente e fazer coisa nova".

Quando uma pessoa sai para um sabático, em geral, diz que foi muito transformador. Que ajudou, inclusive, a performance no mundo corporativo. Ter ido para o Havaí, ter esse tipo de experiência pode tornar a pessoa mais criativa ou fazer com que performe mais?

Genericamente, acho que um sabático é fundamental para todos. Porque é como dar um reset no computador. Você tem de limpar o seu jeito de pensar, tem de mudar as sinapses. Tem de usar outra parte do cérebro também. Isso é importante para quem vai fazer um sabático com a intenção de voltar para a mesma atividade. No meu caso, não foi isso. Não tinha intenção de voltar. A minha vontade era realmente reinventar a vida, mudar de caminho. Eu estava ficando muito preso à fama de um publicitário de sucesso naquela agência que ganha um monte de prêmios, que tem um monte de cliente bom. Aí, você começa a trabalhar para alimentar o ego, trabalha pelos motivos errados,

ines249

criando pelos motivos errados. Mas era fundamental que eu continuasse criando. Não deixei de criar, mas comecei a criar em outra dimensão. Comecei a pintar. Voltei para a minha base de design. Voltei a fazer logotipos para amigos, fazia revistas, fazia capa de livro e pintava todos os dias. De três a quatro horas por dia.

Existe uma cultura dentro da indústria de fazer uma campanha para ganhar prêmio. As críticas que se fazem mostram que o prêmio faz sentido na lógica da indústria, mas isso acaba desvirtuando um pouco porque não se cria por um motivo nobre, digamos assim. Como você vê essa cultura?

Não acho correto meter o pau em prêmio. Ele é fundamental para qualquer atividade. Você tem de saber separar o joio do trigo. Você tem de achar alguma maneira de valorizar as pessoas, campanhas, as ideias que transcendem a média. Acredito que a criatividade faz com que você venda mais gastando menos. Se a campanha for muito impactante, você não precisa gastar tanto dinheiro em mídia: ela vai correr sozinha. A criatividade boa, as ideias brilhantes e disruptivas, elas ganham mercado muito mais que as ideias medíocres. Então, o prêmio tem o seu valor – tendo a achar que as pessoas que os criticam ganham poucos prêmios, mas é uma maldade minha. Com o passar do tempo, a propaganda foi mudando. Antigamente, a campanha premiada era um comercial de 30 segundos ou um anúncio ou um áudio que existia por si. Com a fragmentação das mídias e com as redes sociais, o parâmetro do que é bom em propaganda mudou. A mídia não tem mais a visibilidade do passado. Para que essas peças tenham um pouco de relevância, o que as agências fazem – e os clientes também? Elas criam um videocase, um filme que vai vender a qualidade daquela ideia [para os jurados de festivais]. Você mostra a ideia com resultados maravilhosos: milhões de pessoas viram, foi um super sucesso, aumentou a curva de vendas. Então, o que se julga é um vídeo de um, dois minutos tentando explicar uma ideia. Isso virou uma ferramenta da indústria. É lógico que a busca louca por prêmios desvirtua o negócio de um jeito quase viciante. E tem muito prêmio hoje. O Festival de Cannes antes tinha, por ano, 70 leões em todas as categorias. Hoje, só de categorias são 24 ou 25 diferentes. São dez presidentes de júri, 200 jurados por cada edição. Houve uma multiplicação absurda das chances de se ganhar prêmio. E fica todo mundo lutando para ganhar mais, para dizer que tem mais. Antes, você ganhava um Leão de Ouro e já era fantástico. Hoje, um Leão de Ouro não é nada. Virou comodity. Então, a guerra por Leões e tudo mais acaba desvirtuando um pouco o negócio. Mas o prêmio reflete uma maneira de pensar diferente. O Festival de Cannes é quase um desfile de moda. Você mostra as roupas daquela coleção. Lá no meio tem umas coisas completamente loucas, que puxam a atenção das pessoas. Essas peças indicam para onde a moda vai. O Festival de Cannes e outros têm essa função de apontar: é para lá que a gente vai.

LEONARDO MONTEIRO/CDI

Este ano uma campanha da Consul [criada pela agência DM9] perdeu Leões pelo uso de IA de uma maneira que fez o mercado repensar seus limites éticos [uma fala da jornalista Gloria Vanique foi alterada artificialmente]. Isso envolve uma tecnologia nova e poderosa, a inteligência artificial. Como enxerga esse tema? E quão preocupante foi esse caso?

Acho que o caso da Cônsul não tem tanto a ver com IA, como estão falando. A IA foi um facilitador para uma coisa que eles fizeram. Foi uma ferramenta. Vou falar da ideia [da campanha]: ela é brilhante [a ação propunha ao consumidor de baixa renda trocar aparelhos eletrodomésticos velhos, que gastam muita energia elétrica, por novos da marca; a economia gerada na conta de luz seria usada para pagar as parcelas]. O que me deixa triste é uma ideia tão brilhante ter de ser julgada só pelos resultados. Parece que só isso importa. Antes, você podia ter essa ideia e ela ser executada em um ambiente menor, pequeno, como para provar que é muito boa. O foco nesse negócio do resultado ficou violento. E eles fizeram uma coisa que não pode nunca ser feito: modificaram os resultados. Modificaram a voz das pessoas, modificaram o que estavam falando, colocaram o case lá no meio. Isso não se faz, tá? Mas, se você separar uma coisa da outra, a ideia em si é brilhante e poderia ser executada talvez em um, dois, quatro anos. Aí, quando a ideia tivesse realmente tração, ela poderia ser colocada no ar e colocada para julgamento com todos

ines249

os resultados. Mas decidiram comer etapas. Já sobre a IA, todo mundo fala que é ruim, que é boa. O único adjetivo que a gente pode usar para IA é que é inevitável. Ouvi de um professor de IA que ela é uma bomba atômica de hidrogênio. É aquele cogumelo gigante, que está na nossa frente. A onda de choque ainda não chegou, mas está chegando, mexendo com tudo. A inevitabilidade da IA é algo com que a gente vai ter de saber lidar. Quem se diz contra hoje será varrido por essa onda de choque.

LEONARDO MONTEIRO/CDI

Você já disse que as marcas hoje estão mais caretas. As pessoas que nasceram nos anos 2000 nunca vão ver uma propaganda tão sexy como as de antigamente?

A propaganda é sempre o reflexo da sociedade em que está inserida. Acho que a sociedade ficou careta. A propaganda só acompanha o que está acontecendo. Antes, as mídias eram poucas e muito fortes, e se uma campanha fosse divertida, engraçada, mesmo que tivesse exageros ou erros, ela se espalhava pelo país e todo mundo comentava. Hoje, com a fragmentação e com as redes, qualquer pessoa pode reclamar de qualquer coisa. Às vezes, um grupo pequeno, de 20 pessoas muito vocais, tem mais peso do que milhões de consumidores que gostaram de uma campanha. Isso é perigosíssimo, porque as marcas passam a dar atenção demais a essas vozes e esquecem o resto do público. Nenhuma campanha boa agrada todo mundo. O cliente tem de saber com quem quer falar e agradar aquele grupo. Se alguém de fora da bolha se incomodar, faz parte. O fundador da Nike dizia que as melhores campanhas da marca desagradaram uma boa parte da população – e elas foram as mais bem-sucedidas. Para uma campanha ser relevante, ela precisa provocar alguma coisa, e sempre vai ter gente contra. O problema é que, com o medo do cancelamento, ficou difícil furar esse bloqueio. Quem quiser ser vanguardista tem de entender que existe um risco calculado. Não dá para alienar o seu consumidor, nem fazer algo ofensivo, que vá contra a dignidade ou o direito das pessoas. Agora, se um tema é relevante para um grupo e incomoda outro, tudo bem. Pessoas pensam diferente, têm religiões e valores diferentes. E as marcas têm de saber navegar por isso.

Quando começou a perceber que a sociedade era careta e que a publicidade ia ficar careta também?

Percebi a caretice nos últimos dez anos. Mas percebi outra coisa que ia mudar a propaganda. Em 2012, 2013, eu fazia parte de um grupo de criativos do mundo todo com quem o Facebook se reunia duas vezes ao ano. Naquele momento, eles estavam apresentando sua plataforma de vídeo. Quando eles mostraram, eu falei: "Isso aqui vai mudar totalmente a nossa indústria. Vocês agora são mídia". E eles: "jamais seremos mídia. Somos rede social. Estamos conectando pessoas". Eu disse que eram mídia. "No momento que tem vídeo, você vai poder vendê-lo para todas as marcas". Naquela época ainda não existia o algoritmo. Existia o conteúdos que você criava. Se fosse muito bom, as pessoas espalhavam de forma orgânica. Era o viral. Aí, os caras perceberam que aquilo era uma empresa de mídia e que existe conteúdo. "Vou cobrar para espalhar esse conteúdo. Se você quer vender alguma coisa aqui, o meu algoritmo vai segurar o seu conteúdo. Me paga e o seu algoritmo vai espalhá-lo para quem você definir, e você falar com bolhas específicas". Eles se transformaram numa empresa de mídia e hoje nós vivemos quase o que o algoritmo define: conteúdo, campanha, tudo ao que você está exposto.

O algoritmo matou uma parte da criatividade, uma parte da ousadia que a publicidade podia ter?

Não acho que matou. Ele é uma ferramenta, que nem a IA, que você pode usar para escolher um público específico. O que o algoritmo está matando é a capacidade de ouvirmos o outro lado. O algoritmo lê um conjunto de vontades e te alimenta com esses valores e semelhantes. Você não é exposto a tudo que foge disso. Então, as pessoas estão perdendo a capacidade de serem expostas a opiniões completamente diversas, a vidas completamente diversas. Quando elas, por algum momento são expostas a isso, acham absurdo. Grupos vão sendo formados pelo algoritmo e se isolam. O algoritmo hoje nos controla de maneira quase perversa. A gente perdeu a capacidade de olhar para o outro, ver como o outro vive e ter um pouco de compaixão, empatia. Vivemos a "polarização", essa radicalização de pensamento. E tem outra coisa mais perversa ainda: as pessoas estão viciadas na dopamina do like. Ele gera uma dopamina absurda. E você percebe que o algoritmo vai dar mais like quanto mais radical ou forte, chocante, histriônica for a sua opinião, a sua foto. Inconscientemente, as pessoas tendem a ser muito agressivas, muito virulentas em suas opiniões. Eu brinco: se a mídia social é uma droga, se a dopamina do like é uma droga, o algoritmo é o traficante. E é um perigo. Acho que isso está fazendo um dano enorme à sociedade.

ines249

O derretimento de Derrite

Relator do PL Antifacções altera quatro vezes o texto do projeto sobre combate ao crime organizado em meio a tensões entre governo e o presidente da Câmara

João Vitor Revedilho

Secretário de Segurança Pública de São Paulo licenciado, o deputado federal Guilherme Derrite (Progressistas-SP) perambulava de um lado para o outro nos gabinetes das lideranças na Câmara dos Deputados. Entre uma reunião e outra, buscava apaziguar um impasse que se arrasta há uma semana sobre o seu relatório do PL Antifacções – ou PL 5582/25, de autoria do Poder Executivo. Designado relator na sexta-feira, 7, Derrite elaborou, ao longo da semana, quatro documentos diferentes. Tudo isso em meio a concessões e um cabo de guerra que implodia sobre um dos projetos mais importantes do ano.

O texto foi elaborado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública em resposta à operação da Polícia do Rio de Janeiro contra o Comando Vermelho, que deixou 121 mortos em outubro. Na ocasião, o tema "crime organizado" estava esfriando, mas se mantinha no radar do governo federal após a operação Carbono Oculto, que mirou células do Primeiro Comando da Capital (PCC) no setor financeiro e de combustíveis.

O cenário pró-governo mudou após o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), entregar a relatoria para Derrite. O deputado está ligado a Tarcísio de Freitas (Republicanos), governador de São Paulo e potencial candidato à presidência em 2026. Para os governistas, a decisão de Motta foi um desrespeito ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Mesmo assim, Motta manteve sua decisão, com parte da ala governista engolindo seco – desde que o texto não fosse desconfigurado.

No primeiro relatório, Derrite retirou completamente a digital do governo federal do projeto. Naquela versão, o deputado equiparou os crimes das facções aos da Lei Antiterrorismo, classificando, indiretamente, esses grupos como terroristas. O parlamentar também reduziu os poderes da Polícia Federal, que só poderia participar de investigações contra esses criminosos mediante autorização ou pedido formal aos governos estaduais.

Essas mudanças revoltaram o Planalto, que passou a agir para adiar a votação. Para tentar contornar a tensão, Motta passou a articular com Derrite a mudança no texto. O segundo relatório, no entanto, não contemplou os petistas. Ante o impasse que se seguiu, o deputado recuou mais uma vez e retirou os dispositivos que tratavam da PF e da lei antiterrorismo.

Derrite enviou um terceiro parecer, que ainda incomodava governistas e aliados do Centrão. Entre os pontos de divergência estava a redução de fundos para a Polícia Federal. Do outro lado, governadores alinhados ao deputado foram à Câmara pedir o adiamento do projeto por 30 dias. O receio é que projeto seja considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Na noite da quarta-feira, 12, Derrite apresentou mais um relatório. Ele recuou sobre os recursos destinados à PF e liberou o envio de bens apreendidos em operações para os agentes federais quando estes estiverem envolvidos nas investigações (o que tinha limitado antes).

Embora defendam a tecnicidade do texto apresentado, alguns parlamentares próximos ao secretário apontaram que faltou jogo de cintura nas negociações. Outros aliados, como Tarcísio, defendem o relator. "A elaboração legislativa é assim mesmo. Tem idas e vindas", minimizou o governador paulista.

Apesar da pressão para o adiamento da votação do PL, Motta bateu o martelo e levará o texto para a pauta na terça-feira, 18. Será a única a ser votada no dia, em uma semana esvaziada em Brasília pelo final da COP-30, em Belém.

Derrite chegou a propor que a PF tivesse de ser autorizada por governos estaduais para fazer investigações; depois, mudou o texto

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

ines249

Ativistas feministas articularam a campanha "Criança não é mãe"

IMGUR/ASSUFRGS

Violência contra as meninas

Texto aprovado na Câmara, que suspende resolução de conselho de direitos de crianças e adolescentes, intensifica debate sobre aborto legal para vítimas de estupro

Marina Miano

Uma medida tomada pela Câmara dos Deputados reacendeu o debate sobre o acesso ao aborto legal por crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. O Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 3/2025 susta uma resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) que orienta o atendimento de meninas estupradas e que engravidaram. Na prática, a decisão, se for validada, cria entraves para que vítimas menores de idade acessem um direito previsto em lei desde 1940. Votado na quarta-feira, 5, o texto seguiu para análise do Senado.

O cenário brasileiro de violência sexual revela a gravidade do tema. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 64,7% dos estupros de crianças e adolescentes registrados em 2023 ocorreram dentro das residências. Entre 2011 e 2023, os casos aumentaram 91,5%, com 76% das vítimas classificadas como vulneráveis. Diante dessa realidade, o Conanda publicou uma normativa para garantir a menores de idade o acesso ao aborto legal nos casos previstos em lei, como a gravidez resultante de estupro, e a não exigência de apresentação de um Boletim de Ocorrência para a realização do procedimento.

Alguns parlamentares de direita alegaram que o Conanda extrapolou suas atribuições e reagiram com o PDL, apresentado pela deputada federal Chris Tonietto (PL-RJ). O texto exige boletim de ocorrência ou autorização judicial para o acesso a esse atendimento por crianças e adolescentes.

O texto recebeu 317 votos favoráveis e foi celebrado como "vitória da vida" por parte da bancada da direita. Já deputadas como Erika Kokay (PT-DF), Fernanda Melchionna (PSOL-RS) e Sâmia Bomfim (PSOL-SP) afirmaram que o projeto representa retrocesso no enfrentamento ao abuso sexual contra menores.

A advogada Marina Ganzarolli, presidente da ONG Me Too Brasil, apontou entre as consequências de aprovação do PDL o potencial de aumento da subnotificação dos casos e de realização de aborto em locais clandestinos, com maior risco para as menores.

Na visão da advogada, o texto vulnerabiliza ainda mais crianças e adolescentes que vivem em situações precárias ou em comunidades de difícil acesso, onde há maior incidência de casos de violência sexual. "Esse tipo de crime ocorre majoritariamente dentro das casas das vítimas. Se elas não têm acesso à educação e saúde, não temos como saber que a violação está acontecendo", afirmou.

Marina Poniwas, integrante do Conselho Federal de Psicologia e vice-presidente do Conanda, destacou que a resolução inicial tinha o objetivo de combater os obstáculos ilegais impostos às crianças e adolescentes no momento de acesso ao aborto legal. "Com a possível derrubada da normativa, essas barreiras ganham mais força na nossa sociedade", reforçou.

Uma campanha ganhou força assim que o PDL foi divulgado por ativistas feministas, principalmente nas redes sociais. Com o título de "Criança não é mãe", a ação está sendo articulada por diferentes movimentos e algumas manifestações foram realizadas em cidades como São Paulo.

Em nota pública, a Sociedade Brasileira de Pediatria manifestou "grande preocupação" com o PDL 3/2025. A entidade afirmou que a resolução do Conanda não altera as hipóteses legais de interrupção da gestação, mas reforça o acolhimento humanizado e a proteção integral prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente. A SBP pediu que o Senado ouça especialistas antes de tomar uma decisão sobre o texto aprovado pela Câmara.

ines249

Corrida mineira à espera de Brasília

De olho no STF e cotado para o governo de MG, o senador Rodrigo Pacheco vive encruzilhada; enquanto isso, PSD filia o vice de Romeu Zema e MDB lança pré-candidatura

Leonardo Rodrigues

A disputa pelo governo de Minas Gerais em 2026 ganhou intensidade, mas segue um ritmo ditado pelas decisões de Brasília. Enquanto mantém expectativa de ser indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à vaga aberta no Supremo Tribunal Federal (STF) desde a saída do ministro Luís Roberto Barroso, oficializada em 18 de outubro, o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) vê seu nome também cotado entre as alternativas para suceder o governador Romeu Zema (Partido Novo), que se lançou como pré-candidato à presidência da República.

A corrida em Minas coloca Pacheco – citado pelo petista como "seu governador" em alguns eventos – em uma encruzilhada política. Afinal, o futuro está em jogo já que o cenário em solo mineiro conta com mais peças no tabuleiro. Além de Alexandre Kalil, ex-prefeito de Belo Horizonte, e o vice-governador Mateus Simões estarem na disputa pelo governo, quem chega agora para disputar votos é Gabriel Azevedo, pré-candidato pelo MDB.

Rodrigo Pacheco aguarda Lula decidir sobre a vaga aberta pela aposentadoria de Barroso no STF

CARLOS MOURA/AGÊNCIA SENADO

Para entender a encruzilhada de Pacheco, vale resgatar a trajetória do ex-presidente do Senado. Deputado federal de mandato único pelo MDB, Pacheco migrou para o ainda Democratas (que, após fusão com o PSL, se tornaria União Brasil) para concorrer ao Senado em 2018 na raia da oposição ao governo Fernando Pimental (PT). Ele teve como adversária a ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

Alinhado à direita, ele se elegeu ao lado de Carlos Viana (Podemos) em uma disputa apertada e, na visão de cientistas políticos, decidida por uma onda antipetista que neutralizou o favoritismo de Dilma em Minas. No final, a ex-presidente acabou na quarta posição.

Eleito, Pacheco consolidou uma aliança com o então presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e contrariou a tendência de que apenas parlamentares experientes comandam a Casa Alta do Parlamento: votado por 57 colegas, chegou à cadeira em 2021, no terceiro ano de mandato.

Na posição, enfrentou um período de ataques frontais do então presidente Jair Bolsonaro (PL) aos demais poderes e, em especial, ao STF. Apesar do amplo esforço bolsonarista, Pacheco barrou dezenas de pedidos de impeachment de ministros da corte e, ao recusar um direcionado a Alexandre de Moraes, afirmou que "fechar portas, derrubar pontes e exercer arbitrariamente suas próprias razões são um desserviço ao país".

Nas eleições de 2022, diante de ataques de Bolsonaro e aliados ao sistema eleitoral, Pacheco se prontificou a reconhecer a vitória de Lula nas urnas, classificando-a como "inquestionável", e chamou protestos pelo fechamento do Supremo de "anomalias graves".

Já sob a administração petista, classificou a invasão às sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023, como atos de uma "minoria golpista" que seria identificada e responsabilizada. Com apoio da base governista, foi reeleito presidente do Senado no mês se-

ines249

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O ex-prefeito Kalil se filiou ao PDT, em evento com a presença de Gleisi Hoffmann

guinte. Na cadeira, manteve a postura de defesa institucional e se aproximou ainda mais dos ministros do STF.

Fora da presidência – onde o aliado Alcolumbre o sucedeu – passou a ser publicamente defendido por Lula para concorrer ao governo de Minas na eleição de 2026. Em eventos no estado, o petista divide palco com Pacheco. "Foi a coragem do Pacheco que garantiu a manutenção do processo democrático desse país. Ele é a figura política mais importante que o estado tem, e se quiser, será governador", declarou Lula.

Em meio aos gestos presidenciais, a postura pública de Pacheco oscilou. Ele afirmava que pretendia encerrar a vida pública ao concluir o mandato no Senado. "A tendência é mais forte do que de ser candidato em 2026", afirmou em novembro de 2024. Meses depois, passou a se encontrar mais frequentemente com prefeitos de diferentes regiões do estado e participar de inaugurações de obras. Em entrevista recente ao canal MyNews, disse que ficaria "honrado" em ser governador.

A cadeira preferida

O movimento entrou em suspenso quando, em 9 de outubro, o ministro Barroso, 67 anos, anunciou sua aposentadoria do STF. Entre aliados e adversários, era conhecido o desejo de Pacheco de ocupar uma cadeira na corte. Como não havia previsão de aposentadorias até 2028, a saída antecipada de Barroso reconfigurou o tabuleiro.

No Legislativo, houve uma mobilização para convencer Lula a escolhê-lo. Senadores defenderam publicamente seu nome e, sob anonimato, um aliado de Alcolumbre disse à IstoÉ que qualquer outro indicado teria dificuldade para conquistar os 42 votos necessários no Senado.

Ainda assim, o favorito de Lula é Jorge Messias, advogado-geral da União. Segundo integrantes do governo, essa opção é mais coerente com o padrão recente do presidente, que indicou Cristiano Zanin e Flávio Dino. Mas a necessidade de distensionar a relação com o Congresso ainda pode pesar a favor de Pacheco.

Ele afirma estar "honrado" com a lembrança, mas diz não fazer campanha. Segundo aliados, porém, sua preferência pelo STF é inegável. A resposta a respeito de seu destino, porém, parece que irá demorar mais a vir. Ainda não está certo quando Lula fará o anúncio de sua escolha para o Supremo.

Não há vácuo na política

Com a indefinição de Pacheco, outros nomes começaram a se mover em Minas Gerais. Alexandre Kalil, ex-prefeito de Belo Horizonte, filiou-se ao PDT, em evento que contou com a presença de Gleisi Hoffmann, ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, em gesto visto como reaproximação com Lula.

O PSD filiou o vice-governador Mateus Simões – que assumirá o cargo com a desincompatibilização de Zema em abril. O objetivo é disputar a reeleição. Ele busca apoio de PP e União Brasil, restringindo o espaço de Pacheco no partido.

O PSB e o MDB surgiram como alternativas, mas este último lançou Gabriel Azevedo como pré-candidato. Ele disse ter deixado claro ao senador que seu projeto é "independente da polarização nacional".

Em meio a isso, o grupo de Lula pressiona por definição. Marilia Campos, prefeita de Contagem, afirmou: "Os dois grandes nomes são Pacheco e Kalil. Se Pacheco declina e Kalil se coloca, temos de apoiar de primeira mão. Não podemos perder o bonde da história". E

REPRODUÇÃO FACEBOOK

MDB lançou Gabriel Azevedo como pré-candidato ao governo estadual

JONAS PEREIRA/AGÊNCIA SENADO

O vice-governador Mateus Simões agora faz parte do PSD

ines249

SERGIO MORAES

Mais de 200 embarcações participaram da chamada barqueata no rio Guamá no terceiro dia da conferência do clima

No calor da negociação

Início da COP30, em Belém, é marcado por imprevistos e manifestações

Jennifer Ann Thomas

As tradicionais e intensas chuvas de Belém deram o tom nos primeiros dias da COP30, a conferência do clima da ONU, que começou na segunda-feira, 10, e se estende até o dia 21 na capital paraense. A sala de imprensa alagou. Corredores se transformaram em pequenos rios enquanto delegados improvisavam caminhos entre poças d'água. O calor úmido da Amazônia fez com que leques virassem um acessório obrigatório entre uma sessão e outra. O cheiro de diesel dos geradores de emergência tomou conta da zona azul, a área fechada para credenciados. Na COP da Amazônia, o desconforto causado pelas altas temperaturas funcionou como lembrete sobre o motivo de cerca de 56 mil pessoas estarem reunidas ali, segundo a organização.

Na zona azul, área em que acontecem as negociações, algo surpreendeu até os veteranos mais céticos: a agenda da conferência foi adotada em meia hora, quando normalmente essa negociação inicial pode levar dias. Apenas quatro pontos ficaram para decisão posterior: finanças públicas, medidas comerciais unilaterais, sínteses dos compromissos nacionais (NDCs) e relatórios bienais de transparência. A aparente vitória inicial trouxe um efeito colateral: a decisão sobre esses tópicos foi adiada para sábado.

Ao mesmo tempo, o tema da adaptação — conceito em que se prevê a aprovação de cerca de 100 indicadores globais nesta COP — tornou-se uma incógnita. Países africanos e árabes defendem que a decisão seja postergada para 2027, o que adiaria o pacote por dois anos. Os indicadores abrangem temas como impactos, vulnerabilidade, capacidade adaptativa e risco. Liliam Chagas, chefe da equipe de negociadores do Brasil, afirmou: "é um mandato para este ano. Achamos que uma das maneiras concretas de reforçar o multilateralismo é cumprir esse mandato".

Enquanto o tom de "otimismo cauteloso" — expressão usada por Túlio Andrade, chefe de Estratégia e Alinhamento da presidência da COP30 — dominava as salas de negociação, a terça-feira foi marcada pela primeira manifestação popular em Belém. O protesto terminou em tumulto na entrada da conferência, quando um grupo de manifestantes, entre eles indígenas e pessoas com camisetas do PSOL, tentou forçar a entrada na zona azul sem credencial. Dois seguranças se feriram no confronto e a área precisou ser evacuada temporariamente. O episódio expôs fragilidades na operação de segurança comandada pelas forças armadas e marcou um contraste político relevante: pela primeira vez em três edições, uma COP ocorre em um país democrático, onde manifestações de rua fazem parte do jogo político.

A presença indígena ganhou força na quarta-feira, quando a Cúpula dos Povos teve início em paralelo às

ines249

TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

Raoni disse, em coletiva, que pediu a Lula para que ele não procure petróleo na região

negociações oficiais. Mais de 200 embarcações participaram da chamada barqueata e chegaram pelo rio Guamá carregando quase sete mil pessoas, entre elas o cacique Raoni e Alessandra Korap Munduruku. A barqueata percorreu parte do corredor da soja para denunciar o avanço do agronegócio sobre a floresta e levar um recado direto: as soluções estão com quem vive na floresta, não apenas com quem negocia sobre ela. Em coletiva de imprensa, o cacique Raoni afirmou: "falei com o presidente para ele não procurar petróleo aqui. Falei para ele não autorizar a Ferrogrão. Vou falar de novo com o presidente Lula — e se for preciso puxar a orelha dele para me ouvir, vou puxar. Ele tem de nos respeitar".

No campo das negociações, um grupo de 134 países manifestou apoio à criação de um Mecanismo Global para Transição Justa, proposta alinhada às demandas de sociedade civil e sindicatos reunidos no grupo Mecanismo de Ação de Belém. A exceção veio do Reino Unido, que tenta barrar o avanço da iniciativa. A resistência resultou na entrega do "Fóssil do Dia", um antiprêmio concedido diariamente por quase 2 mil organizações da CAN Internacional ao país considerado o mais obstrucionista ou desalinhado com a ação climática naquele dia. O Reino Unido também contraria seu discurso ambiental ao demonstrar oposição ao fundo florestal liderado pelo Brasil, o TFFF, em mais um episódio que expõe o histórico de promessas não cumpridas em relação à proteção das grandes florestas tropicais.

Outro destaque foi o anúncio da Declaração sobre Integridade da Informação em Mudança do Clima, apoiada por Brasil, Bélgica, Canadá, Chile, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Espanha, Países Baixos, Suécia e Uruguai. O texto cria um fundo de apoio à pesquisa, ao jornalismo e à checagem de fatos, para o qual o Brasil realizou o primeiro aporte, de US$ 1 milhão. Especialistas afirmam que a medida reforça a responsabilidade dos países em tratar a informação como bem público essencial à ação climática e ao funcionamento das democracias. "A instrumentalização deliberada das questões climáticas para fomentar a polarização é um perigo real e imediato. Não apenas retarda ações urgentes, como mina as bases de nossas democracias", afirma Jennifer Morgan, Senior Fellow da Tufts University.

Contudo, mesmo com diversos anúncios e iniciativas promissoras, o que realmente importa é avançar na construção da transição para longe dos combustíveis fósseis. A pressão por esse avanço ganhou força após o apelo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva por um roteiro global para eliminar a dependência de petróleo, carvão e gás. A proposta passou a direcionar ques-

Tornados no Paraná reforçam alerta climático global

PARANÁ STATE GOVERNMENT

Três tornados devatastaram cidades como Rio Bonito do Iguaçu

A poucos dias da abertura da COP30, uma tragédia climática atingiu o Paraná e se transformou em exemplo triste e contundente do avanço dos eventos extremos no país. Na sexta-feira, 7, três tornados devastaram o interior do estado e causaram oito mortes.

Rio Bonito do Iguaçu foi a cidade mais atingida. O município foi arrasado por um tornado classificado como F3, com ventos que alcançaram 330 km/h, o mais intenso já registrado na região. Outros dois tornados, ambos F2, foram confirmados em Guarapuava e Turvo. O impacto gerou 835 atendimentos médicos, com 20 pessoas ainda internadas.

Segundo especialistas, a combinação de uma frente fria com um ciclone extratropical no litoral gaúcho criou ambiente favorável para a formação de supercélulas — estruturas capazes de gerar tornados altamente destrutivos. A atmosfera carregada de calor e umidade intensificou ainda mais o fenômeno.

O presidente da COP30, André Corrêa do Lago, citou o episódio em seu discurso de abertura da conferência, afirmando que tragédias como a do Paraná, assim como eventos recentes nas Filipinas e na Jamaica, acentuam a urgência de respostas globais. Para ele, a COP precisa ser a da implementação e da adaptação, capaz de traduzir a ciência em ação concreta diante de um clima cada vez mais severo.

ines249

tionamentos à presidência da COP30 e à ministra Marina Silva, que afirmou que a conferência precisa dar um mandato claro para estruturar esse caminho comum. O pedido conta com apoio expresso de países como Reino Unido, Alemanha, Dinamarca e Colômbia.

O apelo de Lula também tornou mais visível a contradição entre a ambição de liderar a transição global e os planos do Brasil de explorar petróleo na Amazônia. Essa tensão levou especialistas a defender que o TFFF deveria incluir um compromisso explícito de manter combustíveis fósseis no subsolo. A organização alemã Leave it in the Ground Initiative argumenta que os incentivos atuais do fundo são insuficientes para desestimular a exploração e que apenas um acordo político robusto poderia alinhar a preservação florestal e a eliminação dos fósseis. Entre os 73 países elegíveis ao TFFF, 68 possuem reservas não exploradas sob suas florestas tropicais, equivalentes a 317 bilhões de toneladas potenciais de CO2.

Essa discussão converge com outra frente que começa a ganhar protagonismo: a criação de zonas de exclusão de combustíveis fósseis em áreas consideradas essenciais para a estabilidade climática. Cientistas, diplomatas e lideranças do Brasil, Colômbia, Fiji e República Democrática do Congo vão lançar na COP30 um chamado conjunto para proteger regiões de alta relevância ecológica contra a expansão da exploração petrolífera. A ideia parte do princípio de que certos territórios são estratégicos demais para o planeta — e que sua integridade deve prevalecer sobre qualquer interesse de extração.

Por enquanto, o clima é de avanços pontuais e impasses estruturais. O que sairá de concreto desta COP30 — em adaptação, transição energética e financiamento climático — só será definido nos momentos finais da conferência. Até lá, o calor amazônico servirá de combustível para que sejam tomadas as melhores decisões em prol do planeta. Σ

A foto-símbolo do esforço coletivo dos países tem Lula ao centro e o secretário-geral da ONU, António Guterres, entre outras lideranças

HERMES CARUZO/COP30

Líderes reforçam multilateralismo na COP30

Em dois dias de encontros e discursos, a Cúpula dos Líderes em Belém, que aconteceu às vésperas da abertura oficial da conferência, reuniu chefes de Estado e representantes internacionais para dar peso político às negociações da COP30. Na foto oficial do evento, feita na sexta-feira, 7, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva surgiu ao centro, tendo a seu lado o secretário-geral da ONU, António Guterres, entre outros nomes, como o do presidente do Chile, Gabriel Boric. A reunião contou com líderes – que não participaram do emblemático registro fotográfico – como o presidente francês Emmanuel Macron, o príncipe William e os premiês Olaf Scholz (Alemanha), Pedro Sánchez (Espanha) e Keir Starmer (Reino Unido).

Na foto, o gesto coletivo buscou transmitir uma mensagem clara da importância do multilateralismo num momento de urgência climática. Nas discussões, avançaram compromissos em torno do Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF), que contabiliza contribuições de Brasil, Noruega, França, Indonésia e Portugal.

Na Cúpula, Lula cobrou maior responsabilidade dos países ricos, defendeu que lucros do petróleo financiem a transição energética e reiterou que o Sul Global precisa ser parte central das soluções climáticas.

ines249

UNSPLASH/ANTOINE GIRET

Em lixões e em outros espaços abertos, embalagens plásticas liberam micropartículas, que chegam ao organismo

A crise climática está nos deixando doentes

Calor, poluição, surtos de doenças e ansiedade ambiental: os efeitos das mudanças vão além do planeta e atingem o corpo – e a mente – de milhões de pessoas

Malu Echeverria, Marina Fornazieri e Vanessa Lima

Há tempos que as mudanças climáticas deixaram de ser uma previsão distante. O relatório *Lancet Countdown* 2025, um documento completo sobre a relação entre a saúde e o meio ambiente, revelou que 2024 foi o ano mais quente já registrado, com temperatura média 1,55°C acima dos níveis pré-industriais.

Embora os extremos de temperatura sejam desafiadores para todos, certos grupos populacionais são mais vulneráveis. É o caso dos bebês e das crianças menores de cinco anos e, no outro extremo, pessoas idosas. Uma pesquisa recente da Fiocruz mostrou que o risco de mortalidade entre crianças dessa faixa etária chegou a ser 95% maior no frio extremo e 29% maior no calor extremo do que nos dias com temperatura amena. Já um estudo coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) revelou que cerca de 48 mil brasileiros morreram por consequência de ondas de calor entre 2000 e 2018 – entre elas, as pessoas pardas, pretas e menos escolarizadas foram consideradas mais suscetíveis.

"A espécie humana não vai desaparecer, mas a pergunta é: quem vai sobreviver? Quem vai determinar isso é a nossa capacidade de adaptação ou quem tem mais dinheiro para pagar pelos cuidados?", questiona o médico patologista Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), uma das maiores autoridades sobre o tema no país.

À primeira vista, um aumento de poucos graus da temperatura global nem parece tanto, mas, na prática, representa uma grave ameaça à saúde. Nós, humanos, somos seres homeotérmicos, o que significa que precisamos manter nossa temperatura interna estável, por volta de 36º. Para que isso ocorra, dependemos de mecanismos complexos, responsáveis pela chamada termorregulação.

Com as mudanças climáticas, o corpo humano sofre para se adaptar. "No calor extremo, ocorre uma vasodilatação", diz Saldiva. Com essa redistribuição do sangue, o metabolismo diminui o ritmo e o rim precisa trabalhar mais porque perdemos água. Isso tudo pode levar à desidratação e à formação de coágulos no sangue, que fica mais grosso, o que aumenta o risco de doenças cardíacas e renais.

O frio também tem consequências perversas. "Nesse caso, há uma enorme vasoconstrição. O coração acelera, porque precisa vencer uma carga de trabalho maior. O sistema respiratório também sente, porque o ar frio e seco facilita a entrada de vírus e bactérias", aponta o médico.

Saldiva compara as atuais ondas de calor e de frio a um "microscópio triste" da desigualdade. Quem tem menos condições, mora em locais pobres, sem isolamento térmico, com dificuldades de acesso à água potável ou sem ventilação. Portanto, fica mais vulnerável. "Aquela impressão de frio e calor excessivo, para alguns é desconforto; para outros, adoecimento. E, infelizmente, para outros mais é morte", conclui.

ines249

LEONOR CALASANS/IEA-USP

Para Saldiva, a impressão de frio e calor excessivo, para alguns é desconforto; para outros, adoecimento e morte

Os efeitos da poluição, além do ar

A poluição está no ar, na água – e agora também dentro do corpo humano. O impacto começa antes do nascimento. "Ainda na vida intrauterina, os bebês já são afetados pela poluição do ar", afirma JP Amaral, gerente de natureza do Instituto Alana, organização que defende a infância, a qualidade ambiental e a justiça socioambiental no Brasil. Diversos trabalhos científicos, aliás, identificaram partículas de poluentes em placentas humanas.

As crianças são mesmo mais sensíveis. "As vias respiratórias são menores e podem ser entupidas pelas partículas poluentes com mais facilidade, aumentando o risco de doenças respiratórias", aponta o especialista. A bronquite e a asma estão entre as principais consequências da exposição prolongada à poluição do ar e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), causam mais de 4 milhões de mortes prematuras por ano no mundo.

Os efeitos da poluição, porém, ultrapassam os pulmões. Os chamados microplásticos, fragmentos plásticos com menos de 5 milímetros de diâmetro (muitas vezes invisíveis a olho nu) também preocupam os especialistas. Além da placenta, esse tipo de material tem sido detectado no sangue humano. O impacto dos microplásticos à saúde ainda está sendo desvendado pela ciência. Como tais partículas não são degradadas pelo corpo humano, a maior suspeita é que podem inflamar os tecidos. Alguns estudos iniciais já associaram os microplásticos a doenças cardiovasculares e hormonais. A única certeza, por enquanto, é que eles estão por toda parte.

"O desgaste de pneus, por exemplo, libera micropartículas nas ruas e nas águas. Outra fonte importante é a indústria têxtil", diz Amaral. Ele reforça que, no Brasil, 40% dos resíduos, boa parte de embalagens plásticas, têm destinação inadequada. "Esse material fica em lixões ou em outros espaços abertos e vai liberando essas micropartículas", descreve. E, pela contaminação da água e do solo, chega também aos alimentos.

Calor, água e mosquitos

O aquecimento global leva ao aumento das temperaturas, das chuvas e da umidade, um cenário catastrófico para alguns, e paradisíaco para outros, caso dos vetores de doenças tropicais. As mudanças climáticas têm colaborado para a expansão das arboviroses, doenças causadas por vírus transmitidos por mosquitos como o famoso Aedes Aegypti, entre outros. Dengue, zika, chikungunya e malária atingem níveis alarmantes.

Em 2024, o Brasil registrou mais de seis milhões de casos de dengue e cerca de seis mil mortes pela doença, o maior número da história, segundo o Ministério da Saúde. Embora os casos tenham diminuído em 75% neste ano, a pasta reforça a importância de manter as ações de prevenção, uma vez que 30% dos municípios permanecem em estado de alerta para a dengue. O problema não é de hoje: um estudo da Fiocruz mostrou que eventos climáticos extremos, como secas e inundações, influenciaram a expansão desse mal para o interior do país entre os anos 2000 e 2020. O desmatamento acelerado, as queimadas e a conversão das florestas em pastos, associados a condições ruins de saneamento, são apontados como fatores decisivos para a proliferação da doença.

"Além de aumentar a quantidade de doenças transmitidas por vetores, a crise climática as espalha para regiões em que elas não estavam presentes anteriormente, e ainda faz emergir enfermidades novas ou que estavam controladas", comenta o infectologista José Angelo Lauletta Lindoso, do Hospital Emílio Ribas (SP), centro de referência em doenças infectocontagiosas na América Latina.

Um exemplo que acendeu um alerta no mundo foi o avistamento inédito de mosquitos na Islândia. Até então, o

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Segundo JP Amaral, ainda na vida intrauterina, bebês já são afetados pela poluição do ar

ines249

país nórdico era considerado livre de insetos devido ao frio. Além disso, em 2023, a OMS alertou, pela primeira vez, para surtos de dengue em países como Afeganistão, Paquistão e Iêmen, além de identificar a transmissão local da doença na Espanha, Itália e França, devido aos verões cada vez mais quentes.

Para reforçar a importância das consequências da ação humana no planeta, o infectologista toca numa ferida ainda aberta. "Se continuarmos interferindo na saúde planetária e aumentando a aproximação do homem com animais com possíveis patógenos que ainda não infectaram os humanos, com certeza, veremos o aparecimento de novas pandemias", pontua.

Ecoansiedade

A biomédica e aromaterapeuta Camila Castellan, de 42 anos, se emociona ao relembrar da manhã em que foi resgatada de barco com o marido e os três filhos, em Canoas (RS), em 2024. A casa da família ficou debaixo d'água em virtude da maior catástrofe natural da história do Rio Grande do Sul, que afetou 2,4 milhões de pessoas e deixou 184 mortos.

"Passamos a noite acordados porque sabíamos que as ruas ao redor estavam alagadas. Os homens fizeram barricadas, mas não adiantou. A água subiu rapidamente e em questão de 15 minutos já estava na altura do peito", conta Camila, que ficou 52 dias no apartamento da mãe, em uma das poucas regiões da cidade que não foi alagada. Após uma semana sem dormir, ela buscou forças na maternidade e no trabalho voluntário para seguir adiante. "Trabalhei em um abrigo como aromaterapeuta no atendimento de pessoas com ansiedade e crise do pânico", afirma.

Segundo o psicólogo Christian Haag Kristensen, professor da PUC-RS, desastres naturais podem causar traumas coletivos, com múltiplas perdas (pessoas, bens, modos de vida) e altos níveis de estresse agravados pela incerteza do futuro. "Estudos em diferentes países têm mostrado que, para as pessoas diretamente expostas a eventos climáticos extremos, a ocorrência de transtornos de estresse pós-traumático é estimada entre 18% a 36%, um ano após o ocorrido", afirma.

Camila e a família hoje vivem em uma nova casa e planejam se mudar de cidade quando possível. Embora estejam bem emocionalmente, ainda sentem medo nos dias de chuva. "Essa experiência nos mostrou que, em um piscar de olhos, podemos perder o que mais amamos", diz.

A ansiedade causada pelo clima, chamada de ecoansiedade, também pode surgir na população em geral. "É uma angústia legítima diante das mudanças climáticas e da incerteza do futuro", explica o psiquiatra Fagner Carvalho, professor da Afya Educação Médica, no Pará. Ele destaca que a preocupação não é uma doença, mas um sinal de consciência. "A melhor forma de superar esse sentimento é por meio de educação e projetos ambientais, transformando o medo em ação e propósito", orienta.

Médicos pelo Clima

A economia também sente o baque, como mostrou o relatório Lancet Countdown. A exposição ao calor elevou a perda de produtividade no Brasil, que em 2024 chegou a 6,78 bilhões de horas de trabalho – número 51% maior do que na década de 1990. A perda de renda estimada, no total, alcançou US$ 17,7 bilhões (quase 1% do PIB), sendo o setor agrícola o mais afetado.

Já as mortes relacionadas ao calor chegaram a uma média anual de 3.600 entre 2012 e 2021, ou seja, 4,4 vezes mais que nos anos 1990, com custos estimados em US$ 855 milhões por ano na América Latina.

Diante desse cenário, a saúde vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre a crise climática. Na quarta-feira, 12, durante a COP30, cerca de três mil profissionais de saúde e representantes de organizações sociais ocuparam as ruas de Belém na Marcha Global Saúde e Clima. Realizada pelo Movimento Médicos pelo Clima, membros do Instituto Ar, Rede de Trabalho Amazônico (GTA), Médicos Sem Fronteiras e Movimento Saúde Sustentável também se juntaram à mobilização.

A marcha ocorreu às vésperas do "Dia da Saúde" na COP, data dedicada ao lançamento de documentos de apoio produzidos em parceria com a sociedade civil e redes científicas, com destaque para o "Plano de Ação em Saúde de Belém", do Ministério da Saúde.

As instituições ligadas ao Movimento Médicos pelo Clima ressaltam que saúde, clima e justiça social são pautas interligadas. "Muitas vezes, esse diálogo acontece de forma fragmentada, especialmente dentro do próprio poder público, onde as pastas são tratadas como se estivessem completamente separadas", afirma Danielle Cruz, coordenadora do Movimento Saúde Sustentável. "Seguimos tratando apenas as consequências das mudanças climáticas na saúde quando, na verdade, o meio ambiente deveria ser reconhecido como parte da promoção da saúde", completa.

Marcha Global Saúde e Clima, em Belém, reuniu três mil profissionais de saúde e representantes de organizações sociais

DIEGO FORMIGA

ines249

A nova planta será uma das que mais produz para a Heineken no mundo

FABIO REZENDE/DIVULGAÇÃO

Megafabrica em Minas Gerais

Com investimento de R$ 2,5 bilhões, Passos recebe a primeira cervejaria do Grupo Heineken inaugurada em cinco anos; a planta foi projetada para ser uma das maiores da companhia no mundo

Eduardo Vargas

No sul de Minas Gerais, a cidade de Passos, de pouco mais de 100 mil habitantes, se tornou o berço de um projeto industrial que trará forte impacto para o município e, futuramente, para o Grupo Heineken. Trata-se de uma megafabrica, que deverá ser uma das plantas que mais produz para a companhia dentre suas operações no mundo.

Inaugurada na quinta-feira, 6, com a presença do CEO global Dolf van den Brink e do presidente do Grupo Heineken no Brasil, Maurício Giamellaro, a fábrica é fruto de um investimento de R$ 2,5 bilhões. Ela produzirá um volume de cinco milhões de hectolitros ao ano, o equivalente a 500 milhões de litros. Contudo, o projeto já nasce com expectativa de expansão. Atualmente, só está em operação uma das três naves da planta fabril. Ou seja, em capacidade máxima, a unidade será capaz de produzir 15 milhões de hectolitros anuais, ou 1,5 bilhão de litros.

De acordo com Leonardo Pereira, diretor da região sudeste da companhia, contam-se nos dedos da mão as fábricas que conseguem chegar ao patamar atingido em Passos. "Hoje, ela ainda não é a maior do Brasil. Nessa primeira fase, a fábrica nasce com cinco milhões de hectolitros, mas na sua fase final ela passa a ser a maior cervejaria do grupo no Brasil, ultrapassando Ponta Grossa", contou, referindo-se à planta instalada no Paraná.

O executivo destacou que, a despeito de um cenário macroeconômico tempestuoso, a operação global da companhia demonstra seguir confiante no Brasil. O país é atualmente o maior mercado da empresa, representando praticamente o dobro dos Estados Unidos em volume. "Todo investimento do grupo no Brasil, e no mundo também, visa sempre o longo prazo. Tudo que nós construímos não é para o curto prazo. A nossa visão do longo prazo, ela não muda. A gente continua acreditando no mercado cervejeiro brasileiro, a gente continua acreditando nos nossos consumidores e na nossa estratégia de mercado. Passos é uma estratégia muito sólida, assim como os nossos planos de expansão", afirmou.

Boa parte do volume produzido ficará em solo mineiro, ainda que uma fatia percentual menor seja destinada para o restante do sudeste e uma pequena parte seja direcionada para Goiás.

Inicialmente, a produção será somente de cervejas Heineken e Amstel, visando a estratégia de cervejas premium e puro malte. O plano de expansão deverá fazer com que outros rótulos da companhia, como Eisenbahn, também passem a ser fabricados em Passos.

A fábrica é a primeira greenfield da Heineken no Brasil. O termo técnico é usado para designar quando um projeto é feito do zero. Desde a terraplanagem até a inauguração foram pouco mais de

ines249

Dolf van den Brink, CEO global, e Maurício Giamellaro, presidente do grupo no Brasil, inauguraram a fábrica

FABIO REZENDE/DIVULGAÇÃO

três anos. O projeto representa ainda um marco para o grupo de origem holandesa: havia cinco anos que a companhia não inaugurava fábricas em parte alguma do mundo.

O investimento bilionário no Brasil não é à toa. Além de ser o mercado mais importante para o grupo, a dominância das marcas do portfólio aumentou ano a ano desde que a empresa entrou no país, em meados de 2010. A companhia ostenta liderança no segmento de puro malte, com 66,5% de market share neste ano, com crescimento de 62% em comparação ao exercício anterior. O aumento acompanha o salto no segmento de cervejas premium, de 4% em meados de 2012 para os atuais 24% – ocorreu uma alta de quatro pontos percentuais de 2024 para 2025.

Desde 2019, a empresa investiu R$ 6 bilhões no Brasil, incluindo os R$ 2,5 bilhões da fábrica de Passos, e R$ 1,5 bilhão destinados à planta de Ponta Grossa, que produz nove milhões de hectolitros anuais.

No início, a unidade de Passos produzirá cinco milhões de hectolitros ao ano

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Fábrica "mais verde"

Reforçando o ESG como uma de suas prioridades, a Heineken do Brasil pretende que a nova fábrica seja referência global em sustentabilidade, especialmente em relação ao consumo de água. O parque fabril opera com energia proveniente de fontes renováveis, utiliza caldeiras de biomassa para geração de energia térmica e conta com sistemas avançados de reaproveitamento de água – que conseguem cortar em 30% o consumo hídrico por hectolitro produzido.

Além disso, todo o efluente é tratado integralmente. O investimento em ESG se conecta também pelo foco que a companhia deu para as demandas da população local.

Breno Aguiar, gerente de sustentabilidade e responsabilidade social do grupo, relata que 60% do consumo de água da cidade de Passos está atrelado ao ribeirão Bocaina, que abrange uma área de 457,9 km².

"Existem comunidades rurais morando às margens dessa bacia hidrográfica. Nós promovemos melhorias. Víamos onde existia um proprietário rural que não tinha esgoto. A Heineken foi até lá para implementar biodigestores", disse. A iniciativa foi batizada de Projeto Bocaina, e apoia propriedades rurais na proteção de nascentes e recarga hídrica, envolvendo ainda parceria com o SOS Mata Atlântica.

No mesmo sentido, pelo fato de a cidade ser um polo moveleiro e ter problemas relativos aos rejeitos, a fábrica passou a coletar cavacos de madeira de fornecedores para reaproveitá-los em suas duas caldeiras de biomassa. Os equipamentos geram calor e vapor a partir da queima de combustíveis orgânicos renováveis.

O projeto também injetou cifras expressivas na economia da região. "Tivemos um total de 15 grandes contratos, além de dezenas de companhias subcontratadas. Chegamos a ter um pico de 2,3 mil pessoas trabalhando aqui. Isso mobilizou 200 alojamentos na cidade", comentou o diretor de projetos da cervejaria no Brasil, Sanção Lamas. No total, a empresa estima um total de sete milhões de homem-hora para o projeto em Passos.

O repórter viajou a convite da Heineken

ines249

Allianz Parque tem 160 camarotes e ocupação acima de 92%

DIVULGAÇÃO

Festa no camarote

Estádios de São Paulo oferecem espaços com valores que vão de R$ 300 mil a R$ 1 milhão

Ismael Jales

Já imaginou ter um espaço exclusivo para assistir jogos, shows, receber amigos, realizar reuniões de negócios e promover eventos? Nos principais estádios de São Paulo isso é possível, mas os valores variam de R$ 300 mil a R$ 1 milhão por ano. O preço alto não é reflexo apenas da exclusividade; ele é reflexo da demanda. Os camarotes de estádio deixaram de ser apenas experiências para torcedores e se tornaram plataformas de entretenimento premium e hubs corporativos, usados para encontros de relacionamento e eventos.

Inspirado em modelos norte-americanos e europeus, o fenômeno ganha força no Brasil e se destaca nos principais estádios da cidade de São Paulo, que oferecem diferentes modalidades de acesso, que vão de planos anuais a pacotes por partida e ingressos avulsos. O formato mais comum, porém, é o aluguel de camarotes, geralmente com contratos renovados a cada temporada. É o que acontece com os estádios de Palmeiras, Morumbi e Corinthians.

Outro modelo que explora o ambiente é o "revenue share", ou "camarote festa", que foca na venda de experiências premium. À frente desse formato está Leo Rizzo, fundador da Soccer Hospitality, empresa que atualmente administra nove espaços em estádios. E cada um deles recebe um nome que os associa à torcida. Como Fielzone (Corinthians) e Firezone (do estádio Nilton Santos, do Botafogo).

Atualmente, a Soccer Hospitality fatura mais de R$ 30 milhões por ano e gera receita adicional para os clubes em que a empresa possui camarotes. O modelo funciona em parceria com os clubes ou administradores das arenas.

Rizzo conta que, se um camarote festa vende R$ 200 mil em ingressos para um único jogo, uma porcentagem – geralmente entre 10% e 15% – é repassada ao clube ou à arena. "O sucesso do camarote é também do clube", diz. "Temos mais de 100 marcas que patrocinam os nossos camarotes, o que nos permitiu viabilizar esse modelo", explica o empresário.

Os ingressos para esses tipos de camarote custam de R$ 500 a R$ 800. Nesses espaços há um pouco de tudo. Os camarotes Fielzone e Fanzone, do Palmeiras, oferecem experiências de entretenimento e hospitalidade, combinando open bar, open food, música ao vivo, DJs e áreas temáticas. No Fielzone, o público encontra setores como deck, varanda, bistrô e até piscina. Já o Fanzone, tem um perfil mais voltado à festa e aos shows, com bebidas variadas, estações gastronômicas e ativações exclusivas, como estúdios de tatuagem e lounges personalizados.

Conheça o que oferecem os camarotes dos estádios Allianz Parque, MorumBis e Neo Química Arena.

Allianz Parque

Após a reforma do antigo Palestra Itália, o Allianz Parque se consolidou como arena multiuso, com 160 camarotes e ocupação acima de 92%. Ou seja, ainda há espaços à venda. Em 2024, a Real Arenas, do Grupo WTorre, faturou R$ 241 milhões, tendo os camarotes como principal fonte de receita, à frente de shows e jogos. Os contratos têm duração média de um ano e valores entre R$ 500 mil e R$ 1 milhão por ano.

Segundo Marcelo Frazão, vice-presidente da WTorre Entretenimento, o perfil dos clientes mudou nos últimos anos. Empresas passaram a dominar os camarotes em detrimento de pessoas físicas, valorizando o encontro presencial e o networking. "O mercado de hospitalidade corporativa cresceu muito no período pós-pandemia. O perfil dos clientes é hoje quase em sua totalidade corporativo com empresas de diversos setores", explicou.

No Allianz Parque, o camarote pertence ao locatário, independentemente do tipo de evento. É ele quem decide se deseja ou não utilizá-lo, e em muitos casos o espaço pode até ser comercializado para outras empresas ou convidados. "Fazemos uso de nosso espaço para relacionamento com parceiros. Nossos clientes são pessoas do univer-

ines249

O estádio do Corinthians tem espaços como a Fielzone

GABRIEL MARTINS/DIVULGAÇÃO

so de negócios. Já fizemos até mesmo ação de levar consumidor final", afirma Stella Colucci, diretora de marketing da Motorola, uma das marcas que fechou contrato com a arena.

MorumBis

O estádio do São Paulo se consolidou como uma das principais referências em shows e eventos corporativos no país organizados nas arenas esportivas. Todos os 84 camarotes do MorumBis estão ocupados, e há mais de 30 empresas na lista de espera. O aluguel anual parte de R$ 300 mil, e os espaços variam de nove a mil lugares.

O diretor de marketing do clube, Eduardo Toni, diz que a demanda supera com folga a oferta. Para ele, o estádio se transformou em propriedade estratégica de relacionamento, valorizada por marcas que buscam visibilidade e hospitalidade em eventos de grande porte.

Durante o contrato anual, o camarote é considerado propriedade do locatário, o que garante a quem aluga o espaço o direito de uso em jogos e eventos disputados pelo público. Mas em shows, como o da cantora Dua Lipa, marcado para o sábado, 15, os donos dos camarotes precisam negociar com os organizadores o custo adicional de usarem os espaços. "O São Paulo apenas faz a ponte entre o locatário e o promotor, garantindo que aquele camarote é de fato seu e que ninguém pode comercializar ingressos referentes ao seu espaço privativo", detalha Toni.

Uma das empresas que explora os espaços é a Mirante. Outra companhia que detém um espaço no MorumBis, um dos destaques é a Mondelez, que dispõe de um espaço para até 100 pessoas. A companhia também é responsável pelo naming rights do estádio — que deixou de ser Morumbi e passou oficialmente a ser chamado de MorumBis, em janeiro de 2024, em referência ao icônico biscoito da marca.

A empresa Mirante organiza eventos em camarote no MorumBis

DIVULGAÇÃO

Neo Química Arena

Inaugurado em 2014, em Itaquera, o estádio do Corinthians mantém desde 2020 acordo de naming rights com a Hypera Pharma. Diferentemente dos clubes rivais, a arena é quase totalmente dedicada ao futebol, com 92 camarotes corporativos, mas também tem recebido uma crescente procura de marcas e eventos.

O aluguel varia de R$ 400 mil a R$ 700 mil por ano, e os contratos geralmente duram uma temporada, com algumas exceções de períodos mais longos. Em eventos como a NFL, a administração dos camarotes passa para o organizador, que comercializa os ingressos separadamente. E

Maracanã fará leilão de 40 camarotes

O Maracanã abriu licitação para a cessão de uso de 40 camarotes na temporada 2026. No próximo dia 18, será feito leilão eletrônico desses espaços, conforme edital da Fla-Flu Serviços S.A., empresa concessionária formada por Flamengo e Fluminense, responsável pela gestão, exploração e manutenção do complexo esportivo. No mercado, especula-se que o leilão deverá gerar uma receita de R$ 32 milhões.

O prazo final para as inscrições das empresas interessadas é esta sexta-feira, 14. O processo será conduzido em parceria com a Golden Goal Sports Ventures. Divididos em três lotes, os camarotes têm quantidades distintas de assentos, variando de 5 a 23 lugares.

Os lances serão feitos por cadeira. Os valores mínimos dependem do lote. Nos de número 1 e 2, o lance mínimo é de R$ 45.360 por cadeira. O do lote 3 é de R$ 39.600.

A cessão garante uso exclusivo dos espaços durante jogos de futebol masculino profissional com mando de campo de Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco, nos setores Leste e Oeste do estádio.

ines249

Trump sancionou o projeto que financia o governo, pondo fim à paralisação

KEVIN LAMARQUE/REUTERS

O fim do maior *shutdown* dos EUA

Após 43 dias, Congresso aprova orçamento e Trump sanciona acordo que encerra a paralisação, com impacto em voos, serviços e coleta de dados

A Câmara dos Estados Unidos aprovou, por 222 votos a 209, o projeto de lei que financia o governo federal e encerra oficialmente o mais longo *shutdown* da história do país. Foram 43 dias de paralisação, iniciada em 1º de outubro, que interromperam serviços essenciais, suspenderam indicadores econômicos e deixaram centenas de milhares de funcionários sem salário. Horas após a votação, na noite da quarta-feira, 12, o presidente Donald Trump sancionou o texto, permitindo o reinício pleno das atividades governamentais.

A medida já havia sido aprovada pelo Senado na segunda-feira, 10, por 60 votos a 40. O acordo estende o financiamento do governo até 30 de janeiro de 2026, o que significa que o Congresso terá de aprovar novo orçamento até essa data para evitar outra paralisação no início do próximo ano. O projeto impede ainda que Trump demita servidores federais até 30 de janeiro e garante o funcionamento do programa de assistência alimentar chamado Snap até setembro de 2026.

Ao todo, cerca de 670 mil funcionários afastados devem voltar ao trabalho, enquanto os que continuaram sem remuneração receberão salários retroativos. Os efeitos da paralisação foram amplos: faltas de controladores aéreos provocaram atrasos e cancelamentos em dezenas de aeroportos, e parlamentares relataram dificuldades até para viajar a Washington para votar.

A suspensão dos indicadores econômicos comprometeu a atuação do Federal Reserve, que passou semanas operando com menos dados para definir a trajetória ideal dos juros. Já o Escritório de Orçamento do Congresso estima perdas de até US$ 14 bilhões resultantes do bloqueio.

No centro do impasse estava a saúde. Os democratas tentaram estender subsídios federais ao seguro saúde que beneficiam cerca de 24 milhões de norte-americanos e expiram no fim do ano. Embora os republicanos do Senado tenham concordado em votar o tema em dezembro, não há garantia de aprovação. O presidente da Câmara, Mike Johnson, não assegurou que levará a proposta ao plenário.

O clima político se deteriorou durante as seis semanas de bloqueio. Segundo pesquisa Ipsos, no fim de outubro, 50% dos americanos responsabilizavam os republicanos pela paralisação, enquanto 43% culpavam os democratas.

Com a sanção presidencial, o governo volta a funcionar, mas o acordo é temporário. O passo a passo agora envolve reorganizar as operações das agências, regularizar a folha de pagamento, reativar programas federais e preparar o debate de dezembro sobre os subsídios de saúde. O fim do *shutdown* alivia a crise imediata, mas não elimina o risco de um novo impasse dentro de algumas semanas.

Nos Estados Unidos, a paralisação do governo é um mecanismo previsto em lei. Ela proíbe a administração federal de gastar dinheiro sem autorização formal do Congresso. Se os congressistas não aprovam o orçamento ou uma lei temporária de financiamento antes do prazo, o governo é obrigado a suspender parcialmente suas atividades. Portanto, o *shutdown* significa a consequência legal de um impasse político quanto ao orçamento.

Antes, a maior paralisação no país tinha ocorrido entre 22 de dezembro de 2018 e 25 de janeiro de 2019, no primeiro governo Trump. Foram 35 dias de *shutdown* que tiveram como centro do debate o projeto para construir um muro na fronteira com o México. Os democratas rejeitaram o financiamento da proposta, uma conta de US$ 5,7 bilhões apresentada por Trump.

ines249

O porta-aviões USS Gerald Ford chegou a águas próximas da América do Sul

LISE ASERUD/NTB/REUTERS

Tensão crescente

Chegada de maior porta-avião dos EUA a águas próximas da América do Sul volta a provocar instabilidade regional; antes, em cúpula, Lula tinha pedido respeito ao direito internacional

A instabilidade voltou a marcar a América Latina e, especialmente, o Caribe nos últimos dias, quando movimentos militares e rupturas diplomáticas elevaram a tensão entre Estados Unidos, Venezuela e Colômbia. Na terça-feira, 11, o porta-aviões USS Gerald Ford, o maior do mundo, foi incorporado à operação da Marinha dos Estados Unidos contra o tráfico de drogas procedente da América Latina. Ele deixou o mar do Mediterrâneo e entrou em águas próximas à América do Sul sob o argumento de Washington de que a missão é vigiar e desarticular atividades ilícitas ligadas ao narcotráfico.

Em reação direta à escalada, a Venezuela iniciou na quarta-feira, 12, uma mobilização "massiva" segundo o plano "Independência 200". As forças armadas do país mobilizaram meios terrestres, aéreos, navais, fluviais e de mísseis, com foco na proteção de "infraestruturas estratégicas" como eletricidade, água, gás, abastecimento de alimentos, postos de gasolina e principais vias de comunicação. O ministro da Defesa, Vladimir Padrino López, afirmou que a população está pronta para defender a pátria "até a morte".

Desde setembro, o governo de Donald Trump ordenou cerca de 20 ataques contra embarcações no Caribe e no Pacífico, que deixaram 76 mortos, sem apresentar provas de que os alvos eram usados para o tráfico de drogas ou representavam ameaça ao território americano. O deslocamento do USS Gerald Ford, que tem capacidade de transportar dezenas de caças de alta performance, helicópteros e drones, transmite uma mensagem indireta, ainda que não esteja claro que o porta-aviões esteja exatamente em águas caribenhas, segundo o comunicado emitido pelo Comando Sul das Forças Navais dos Estados Unidos,

A tensão regional foi tema de um discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na Cúpula Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos) – União Europeia, realizada na semana passada na Colômbia. Ele afirmou que "a ameaça de uso da força militar voltou a fazer parte do cotidiano da América Latina e Caribe" e criticou "velhas manobras retóricas recicladas para justificar intervenções ilegais", numa referência indireta à operação americana na região.

O presidente brasileiro ressaltou que "democracias não combatem o crime violando o direito internacional" e classificou a América Latina como uma "região de paz" que quer permanecer assim. Ele também advertiu para a crise do projeto de integração regional, afirmando que o continente voltou a ser "uma região dividida, mais voltada para fora do que para si própria", sob ameaça do extremismo político, da manipulação da informação e do crime organizado. Lula não citou Trump, nem Maduro no discurso.

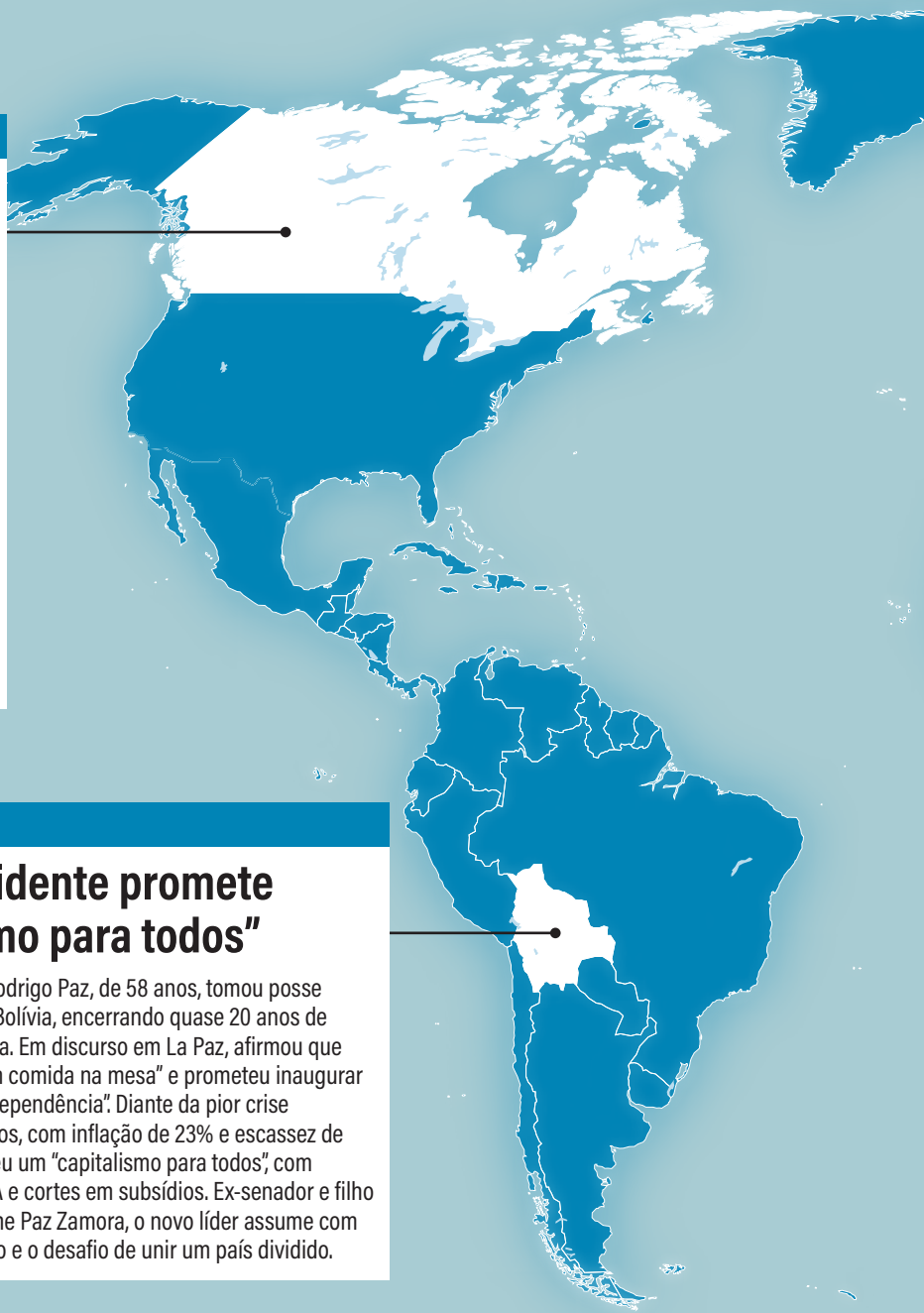
O quadro se agravou com a decisão do presidente colombiano Gustavo Petro, na quarta-feira, 12, de suspender a cooperação na área de inteligência com Washington. O mandatário acusou as agências norte-americanas de atuarem não para perseguir narcotraficantes, mas para atacá-lo pessoalmente, bem como sua família.

A ruptura veio na esteira de medidas de Trump, que retirou da Colômbia o certificado de país aliado na luta contra o tráfico de drogas e impôs sanções contra o presidente, sua esposa, seu filho mais velho e um ministro próximo. Petro classificou os ataques em alto-mar, feitos pelo governo Trump, como "execuções extrajudiciais". A decisão surpreendeu ex-militares e ex-chefes de inteligência colombianos, que enxergaram a medida como altamente política. Σ

ines249

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana



Canadá

G7 impõe novas sanções e pressiona Moscou

Os chanceleres do G7 reuniram-se no Canadá para ampliar a pressão sobre a Rússia e conter sua ofensiva na Ucrânia. Formado por Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália, Japão e Reino Unido, o grupo fez um apelo por um cessar-fogo imediato na Ucrânia. Eles anunciaram sanções na quarta-feira, 12, contra empresas ligadas à produção de energia, drones e ciberataques russos, além de navios da "frota fantasma" que transportam petróleo burlando restrições globais. O ministro ucraniano Andrii Sybiha pediu apoio a armas de longo alcance, enquanto o Reino Unido prometeu £13 milhões para reparar o setor energético de Kiev. O G7 quer tornar a guerra insustentável para o presidente russo Vladimir Putin.

Bolívia

Novo presidente promete "capitalismo para todos"

O conservador Rodrigo Paz, de 58 anos, tomou posse como presidente da Bolívia, encerrando quase 20 anos de governos de esquerda. Em discurso em La Paz, afirmou que "ideologias não põem comida na mesa" e prometeu inaugurar "uma nova era de independência". Diante da pior crise econômica em 40 anos, com inflação de 23% e escassez de combustível, defendeu um "capitalismo para todos", com aproximação aos EUA e cortes em subsídios. Ex-senador e filho do ex-presidente Jaime Paz Zamora, o novo líder assume com minoria no Congresso e o desafio de unir um país dividido.

ines249

Portugal

Microsoft investe US$ 10 bi em IA no país

A Microsoft anunciou um investimento de US$ 10 bilhões em infraestrutura de inteligência artificial em Portugal, a partir de 2026. O projeto, considerado o maior da empresa no país e o maior de data centers em território português, será desenvolvido em Sines, no Alentejo, em parceria com Nscale, Nvidia e Start Campus. A instalação contará com 12.600 GPUs da Nvidia de última geração e faz parte do Compromisso Digital para a Europa, que prevê duplicar a capacidade de data centers em 16 países até 2027, consolidando Portugal como novo polo europeu de tecnologia e IA.

Indonésia

Programa alimentar causa intoxicação em massa

Um programa do governo da Indonésia para oferecer refeições gratuitas e combater a desnutrição provocou quase metade dos casos de intoxicação alimentar registrados em 2025. Segundo a agência BGN, mais de 11 mil pessoas ficaram doentes e mais de 600 foram hospitalizadas desde o lançamento do plano, em janeiro, sob o governo de Prabowo Subianto. Dos 441 surtos registrados, 211 estão ligados ao programa, sendo metade por contaminação por E. coli. O projeto já serviu 42 milhões de pessoas, mas expôs falhas sanitárias em 14 mil cozinhas do país.

Ucrânia

Escândalo de corrupção abala governo Zelenski

Um escândalo de corrupção no setor energético levou à queda dos ministros de Energia e Justiça da Ucrânia, Svitlana Grynchuk e Herman Galushchenko. Ambos apresentaram renúncia após o Escritório Anticorrupção (Nabu) revelar um esquema de propinas de US$ 100 milhões envolvendo a estatal Energoatom. Cinco pessoas foram presas e outras sete são investigadas, entre elas Timur Mindich, empresário próximo ao presidente Volodimir Zelenski e apontado como mentor do esquema. O caso aumenta a pressão sobre o governo em meio à guerra e ameaça o avanço do país rumo à União Europeia.

Em um ano, o valor do cartão no mercado ilegal subiu 26%

JCOMP/FREEPIK

Escalada na dark web

Cartões roubados no Brasil são vendidos a preços de ingresso de cinema por cibercriminosos

Alessandro Martins

O Brasil é um dos países emergentes no mercado ilegal de cartões de crédito e de débito roubados, negociados na chamada dark web. É o que revela um estudo sobre cibersegurança realizado em mais de 119 países pela NordVPN, provedora de serviços de VPN. O levantamento, conduzido pela plataforma NordStellar, equipe de gestão de exposição a ameaças ligada à empresa, analisou metadados de 50.705 registros de cartões listados em lojas digitais ilegais. Eles foram coletados em maio de 2025.

Apesar de não estar entre os dez países com mais cartões roubados em 2025, o preço médio de um cartão brasileiro aumentou em comparação a 2023, sendo vendido atualmente por US$ 10,70 (aproximadamente R$ 57,50) no mercado ilegal, um crescimento de 26% em relação aos R$ 45 de 2023.

"Mesmo com um crescimento menor no preço em relação a outros países da América Latina, o Brasil se destaca devido ao enorme volume de dados de cartões roubados originários no país", explica Adrianus Warmenhoven, especialista em segurança da NordVPN. O aumento do valor do produto brasileiro indica tensão entre oferta e demanda.

No Japão, onde o cartão roubado é o mais caro nas negociações da dark web, para se adquirir um desses itens, a pessoa teria de desembolsar US$ 22,80, quase R$ 120 na conversão atual. No top 10 do mercado ilegal, em seguida estão Cazaquistão, Guam (território insular na Micronésia) e Moçambique, com cartões que giram em torno de US$ 16 (R$ 86).

Em termos de distribuição, o ranking do cibercrime mostra que mais de 60% dos cartões analisados pertenciam a usuários norte-americanos. Em segundo lugar, estão os de consumidores de Singapura, com 11%, e os da Espanha, com aproximadamente 10%. Na ordem, do quarto em diante, estão estes países: Reino Unido, Kuwait, França, Irlanda, Canadá, Alemanha e Chipre.

"Isso não indica necessariamente que esses países sejam mais suscetíveis a crimes cibernéticos. Reflete diversos fatores, incluindo o alto grau de digitalização do país e o uso generalizado de sistemas de pagamento online", detalha Warmenhoven.

Segundo a NordVPN, 87% dos cartões observados no estudo permanecem utilizáveis por mais de 12 meses, o que aumenta o valor comercial desses dados. Cartões com validade mais longa são mais fáceis de revender e oferecem várias oportunidades de monetização antes que os verdadeiros donos daquele produto detectem o problema e efetivamente façam o cancelamento.

Uma das formas como os cibercriminosos evitam acionar alertas antifraude dos bancos é usando os cartões no mesmo país ou região onde foram emitidos, já que as instituições financeiras costumam sinalizar transações internacionais. Além disso, pequenas compras são realizadas antes da negociação na dark web para confirmar que os cartões funcionam.

Como se proteger?

Não é segredo que a utilização de senhas fortes e exclusivas para cada site de compras pode dificultar a vida dos ladrões de dados, mas também existem outras boas práticas que podem diminuir o risco de cilada. Entre elas estão:

- Monitorar extratos bancários constantemente
- Evitar armazenar cartões de crédito em navegadores
- Ativar a autenticação de dois fatores sempre que possível
- Usar softwares que detectam vazamento de dados E

Onde cartões na dark web são mais caros

(em US$)

1.	Japão	22,80
2.	Cazaquistão	16,87
3.	Guam	16,50
4.	Moçambique	16,38
5.	El Salvador	15,80
6.	Tailândia	15,08
7.	Malawi	14,62
8.	Colômbia	14,52
9.	Antígua e Barbuda	14,00
10.	Belize	14,00

ines249

Cérebro afiado a partir dos 50

Adotar hobbies criativos é uma das maneiras de retardar o envelhecimento cerebral, aponta estudo chileno. Confira outras dicas

Malu Echeverria

Ter hobbies criativos, como os que envolvem pintura, música, dança e até videogames de estratégia, pode retardar o envelhecimento cerebral. É o que diz um estudo chileno publicado na revista Nature Communications. Com registros da atividade e da conectividade entre diferentes áreas cerebrais, os cientistas criaram um modelo para medir a idade cronológica em relação à idade biológica do órgão dos 1.473 participantes, que tinham entre 17 e 91 anos.

Um dos destaques desse trabalho foi a importância de se aprender uma nova atividade criativa. O grupo que aprendeu a jogar um videogame de estratégia, o StarCraft II, apresentou redução da idade cerebral depois de algumas semanas, em comparação com o grupo de controle, que se dedicou a um jogo mais fácil. De acordo com os pesquisadores, uma possível explicação seria o envolvimento de múltiplas regiões cerebrais – inclusive mais do que em atividades cognitivas mais populares, como palavras cruzadas.

Conforme explica a geriatra Claudia Suemoto, diretora da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia de São Paulo (SBGG-SP) e do Biobanco para Estudos em Envelhecimento da Universidade de São Paulo (USP), o pico da função cognitiva cerebral ocorre na terceira década de vida. Depois dessa fase, naturalmente, existe uma perda gradual da atenção, da memória e da velocidade do processamento, por exemplo. "Essas perdas, de modo geral, não causam prejuízo no dia a dia, mesmo em pessoas de idade avançada", diz.

Existem diversos fatores que funcionam como uma reserva cognitiva ao longo da vida, para se ter um cérebro mais saudável na terceira idade. Não só atividades que estimulam o órgão diretamente, como também medidas de saúde em geral. E quais seriam esses cuidados? De acordo com uma pesquisa da USP, realizada em parceria com outras instituições da América Latina, 40% dos casos de demência no mundo podem ser atribuídos a 14 fatores de risco modificáveis. No Brasil, de acordo com a geriatra Claudia Suemoto, que participou do estudo, esse número fica em torno de 60%. Publicada na revista científica The Lancet, a lista inclui os seguintes fatores: escolaridade baixa (igual ou menos de oito anos de educação formal); hipertensão arterial; obesidade; perda auditiva; traumatismo craniano; consumo excessivo de álcool; tabagismo; depressão; isolamento social; sedentarismo; diabetes; poluição do ar; colesterol alto e perda visual. A boa notícia é que esses fatores podem ser prevenidos e tratados. A seguir, especialistas consultados pela IstoÉ destacam os principais.

Cuidados preventivos

Faça exercícios – Inúmeros estudos vêm demonstrando que o exercício físico influencia direta e indiretamente a saúde cerebral. Em primeiro lugar, por estimular a circulação sanguínea, incluindo a do órgão. Além disso, as atividades físicas melhoram também a qualidade do sono e favorecem a sensação de bem-estar. "As últimas pesquisas

Ter uma atividade que estimula a criatividade envolve múltiplas regiões cerebrais

YURI ARCURS PEOPLEIMAGES.COM

ines249

KJPARGETER/FREEPIK

Funções cerebrais declinam com o tempo, mas há fatores que atuam como reserva cognitiva

mostram ainda que os músculos têm um papel relevante no sistema imunológico, protegendo o organismo de inflamações. Durante a pandemia da covid-10, por exemplo, observou-se que pessoas com maior massa muscular tinham melhores desfechos da doença", explica o neurocirurgião Julio Pereira. Um sistema imune equilibrado ajuda o cérebro a manter a homeostase (regulação dos sistemas) do organismo e a responder a lesões cerebrais com mais rapidez.

Evite o álcool – Até mesmo o consumo moderado está associado ao risco de demência. Foi o que mostrou um estudo observacional publicado no BMJ Evidence Based Medicine, da Inglaterra. Um resultado que vai de encontro a pesquisas anteriores que sugeriam que beber socialmente teria um efeito protetor. "No estudo, cada aumento consistente no número de doses por semana veio acompanhado de cerca de 15% a mais de risco de demência", alerta a psiquiatra Olivia Pozzolo, pesquisadora do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (Cisa). Ela ressalta que o organismo do idoso se torna mais sensível ao etanol com o tempo. Tanto por conta da queda de água corporal, quanto pelo metabolismo mais lento. "Além disso, o álcool piora sono e humor, queixas comuns que podem mascarar sinais iniciais de demência", explica. Outro perigo em potencial diz respeito à interação das bebidas com as medicações, que podem desregular a pressão, piorar arritmias e aumentar chance de quedas e traumas de cabeça. Não é uma questão de condenar as confraternizações com bebidas alcoólicas. "Manter a companhia, mas com menos álcool, porque para o cérebro que já acumula comorbidades e remédios, cada dose a menos conta", orienta.

Tenha exames em dia – Não é à toa que diabetes, colesterol e hipertensão arterial estejam na lista dos fatores de risco para demência. A explicação está ligada à circulação sanguínea. Como ressalta o cirurgião Julio Pereira, o cérebro consome cerca de 25% da energia produzida pelo organismo, embora represente apenas 2% do peso corporal. "Qualquer problema que dificulte a chegada do sangue ao cérebro, pode alterar a vascularização do órgão e predispor a um quadro demencial", esclarece. É importante tratar esses males o quanto antes. Uma pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Tulane, em Nova Orleans (EUA), mostrou que uma boa saúde cardiovascular pode contrabalancear o risco de demência em pessoas com diabetes tipo 2.

Mantenha convívio com a família e amigos – A Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta que a solidão afeta uma em cada seis pessoas no mundo. Os impactos à saúde física e mental causados pelo isolamento estão associados a aproximadamente 100 mortes por hora no mundo, de acordo com o relatório da Comissão sobre Conexão Social. Ou a cerca de 871 mil mortes por ano. Para muito, a terceira idade tende a ser uma fase de menor interação social, como pontua a geriatra Claudia Suemoto, da SBGG-SP. "As famílias estão cada vez menores, portanto, as redes de apoio também estão mais enxutas", resume. Para explicar por que o isolamento social faz mal ao cérebro, a geriatra faz analogia com um computador. "Assim como o aparelho, que tem de processar uma informação para gerar uma ação, o cérebro também precisa de 'inputs' para funcionar", compara. As conversas, nesse contexto, são como estímulos para a cognição. Esse também é um dos motivos, segundo o neurocirurgião Julio Pereira, pelo qual a perda auditiva e a visual são prejudiciais à saúde mental. Quando há dificuldade para ouvir e enxergar, além de perder essas vias de estimulação cerebral, o idoso também tende a interagir menos com as pessoas ao redor.

Não "aposente" o cérebro – Manter o cérebro ativo continua sendo uma das maiores recomendações para garantir um envelhecimento saudável. Seja com as tradicionais atividades como palavras cruzadas, seja com as criativas. Vale até mesmo voltar aos estudos. "Eu costumo brincar com meus pacientes que, ao contrário da memória, a resolução de problemas tende a melhorar com a idade. Grandes líderes globais têm mais de 70 anos", afirma o neurocirurgião Julio Pereira. "O cérebro não se aposenta, afinal", completa.

ines249

Prazer, Veveta Marechera

Ivete Sangalo celebra sua ligação com o samba ao homenagear Clara Nunes em novo projeto e turnê

Letícia Sena

Ivete Sangalo está com nova turnê e em um projeto que resgata sua história e rende homenagem a um dos grandes nomes da música: Clara Nunes. Lançado em outubro, em São Paulo, o show "Ivete Clareou" chega ainda neste mês nos palcos do Rio de Janeiro e de Salvador, seguindo para Porto Alegre em dezembro. O projeto, que passou também por Belo Horizonte, coloca em evidência sua relação afetiva e musical com o samba, ritmo que acompanha desde a infância. A iniciativa marca um retorno às raízes de uma artista que, mesmo chamada de rainha do axé, tem o samba na base de sua trajetória.

Foi com "Conto de Areia", um dos maiores sucessos de Clara Nunes, que Ivete aprendeu a cantar sua primeira música inteira. Na época, aos três anos, ainda confundia algumas palavras. Isso lhe rendeu um apelido na família: "Veveta Marechera". Isso porque a pequena não cantava a expressão "maré cheia", da letra original.

Décadas depois, ela retoma Clara em sua vida e outras estrelas do ritmo que homenageia, como Clementina de Jesus, Arlindo Cruz e Beth Carvalho. "Ivete Clareou" simboliza o reencontro com a essência que moldou sua formação musical. "Samba, eu te conheço de outros carnavais. Ouvi você no colo dos meus pais", canta em "Marechera", faixa que abre o álbum "Ivete Clareou (Ao Vivo)", disponível nas plataformas desde outubro. Nessa música, ela se apresenta: "Prazer, Veveta Marechera".

O álbum, gravado em uma roda de samba em Santa Teresa (bairro do Rio), conta com participações especiais. Em "Mó Loucura", a Ivete divide a apresentação com Dilsinho. Belo canta com a artista "Nem Precisa Responder". Péricles é o convidado de "Por Inteiro". Jorge Aragão brilha em "Loucuras de Uma Paixão". E Arlindinho, filho de Arlindo Cruz, canta duas músicas do pai – que morreu em agosto –, "O Bem" e "Agora Viu que Me Perdeu e Chora".

Filha de pais apaixonados por música, Ivete cresceu em Salvador cercada por referências do vasto repertório brasileiro: do samba ao choro, da Bossa Nova às batidas da percussão baiana. Ainda jovem, despontou no cenário nacional como vocalista da Banda Eva, transformando o Carnaval da Bahia com sucessos que logo cruzaram as fronteiras do estado. A partir dos anos 2000, consolidou-se em carreira solo como um dos maiores nomes da música brasileira, colecionando discos de ouro, turnês internacionais, programas de TV e parcerias com artistas de diferentes estilos e gerações.

Mesmo com hits que se tornaram hinos do axé, o samba sempre esteve por perto, seja na cadência dos arranjos, nas colaborações com sambistas consagrados ou no jeito de interpretar que carrega o swing do gênero.

Agora, com "Ivete Clareou", esse elo ganha protagonismo. A turnê transforma o palco em um grande tributo à história e à força popular do samba.

"Esse projeto nasceu de um desejo antigo meu: fazer o samba pulsar ainda mais forte em minha carreira", explica Ivete. "O samba precisa ser sentido e é isso que vamos viver juntos, ao mesmo tempo, nessa turnê. Sentiremos o samba", completa. A proposta é simples e poderosa: cada show é uma experiên-

No novo álbum, gravado ao vivo, no Rio, Ivete e Belo cantam "Nem Precisa Responder"

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

ines249

A turnê que homenageia o samba e Clara Nunes começou com show em São Paulo

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

cia compartilhada, com o público cantando junto, celebrando o ritmo que traduz alegria e a alma brasileira.

Em seu novo capítulo, Ivete Sangalo não apenas exalta suas raízes: ela as coloca no centro do palco, pronta para fazer o samba brilhar ainda mais.

De onde surgiu o desejo de criar um projeto inteiramente voltado ao samba?

A relação que eu tenho com o samba é de afeto: ele está na minha vida. Meu pai e minha mãe cantavam o dia inteiro em casa, todos os tipos de samba que se pode imaginar. Além de uma relação afetiva, tem a realidade. Muito do que eu construí devo a esse convívio. "Ivete Clareou" foi a forma que encontrei de criar um verbo para Clara Nunes, como uma licença para entrar no samba.

O título do projeto é uma homenagem a Clara Nunes. O que ela representa para você?

Clara foi a primeira cantora que me abriu os olhos. Eu era muito criança, com apenas três anos, quando consegui cantar uma música inteira. Minha mãe era apaixonada por ela, meu pai também. Eu saio do meu segmento do axé para fazer um projeto especial, onde ela mora também.

Em que momentos o samba mais se fez presente na sua carreira?

Em todos. Não tenho como fazer essa divisão, porque o samba sempre me acompanhou, de forma mais ou menos sutil.

Como foi transformar essa paixão antiga em um espetáculo completo?

Era um sonho antigo! Sempre quis, mas a vida corrida ia adiando… Surgiu o convite da [produtora] Supersound e eu topei junto com meu escritório. Eu me envolvi no conceito: cores fortes, transparência, visceralidade… O samba é honesto, humano, democrático. O "Ivete Clareou" nomeia tudo isso e traz Clara, meu encanto primeiro com a música.

Suas primeiras referências musicais moldaram quem você é hoje?

Com certeza! Elas guiaram todas as outras que vieram e que juntas fizeram a Ivete que sou hoje.

Quais lembranças musicais com sua família você carrega?

A substância da minha família sempre foi o samba. Desde pequena eu cantava, e isso nos unia como um grande pilar.

Há alguma memória da infância que está no palco dessa turnê?

Sim! Quando canto "Conto de Areia". Eu me reconecto com minha criança. É muito emocionante.

O que o público pode esperar dessa imersão no samba?

O samba é confraternização! Não existe separação artista-público. Eu canto melodias lindíssimas, compositores que sempre admirei. Está sendo uma delícia!

O que te empolga em apresentar esse projeto por cinco capitais?

O novo! Novas experiências, novos sabores. Já estou apaixonada e até meio saudosa, porque vai acabar em Porto Alegre…

O formato é mais intimista ou mais dançante?

O palco é 360°. Isso cria uma proximidade poderosa. Um clima familiar, gostoso!

Há planos para levar esse show ao exterior?

Por enquanto, são essas cinco datas. Estou curtindo muito cada momento.

Qual a importância de celebrar o samba hoje?

A música muda e a gente também. Revisitar é vital para celebrar poesias e maestrias. Mas o novo também tem seu lugar. Muita coisa soa inédita para a nova geração — e encanta.

O maior desafio na construção da turnê?

O repertório! Se eu cantasse tudo que quero, o show não teria fim. (risos)

Você sentiu alguma resistência do mercado?

Nenhuma resistência! Só alegria, parceria e acolhimento. Esse é um projeto honesto. Minha relação com o samba é real.

ines249

A titular da cadeira 33

Primeira mulher negra a integrar a Academia Brasileira de Letras, Ana Maria Gonçalves, autora de "Um defeito de cor", fez da posse um marco histórico

Ana Maria Gonçalves usou um vestido confeccionado pela Portela, que transformou sua obra em samba-enredo em 2024

DANI PAIVA/ DIVULGAÇÃO ABL

Com a presença de artistas como Regina Casé, Lázaro Ramos e Camila Pitanga, a mineira Ana Maria Gonçalves, autora de "Um defeito de cor", assumiu sua cadeira, a de número 33, na Academia Brasileira de Letras (ABL) em uma cerimônia que se tornou um marco histórico, o que foi pontuado no discurso de posse da escritora. Aos 54 anos, Ana Maria é a primeira mulher negra a integrar a ABL e é também a mais jovem entre os atuais membros da entidade. Eleita com 30 dos 31 votos possíveis, ela sucede o gramático e filólogo Evanildo Bechara, falecido em maio deste ano, sendo a sétima titular desse assento, que tem como patrono Raul Pompeia, autor de "O ateneu".

"Cá estou eu, hoje, 128 anos depois de sua fundação, como a primeira escritora negra eleita para a Academia de Letras, falando pretoguês e escrevendo a partir de noções de oralitura e escrevivência", disse na solenidade.

Ana Maria inovou usando não o tradicional fardão, e sim um vestido confeccionado por artesãos e costureiras da Portela, escola que transformou sua obra mais famosa em samba-enredo no carnaval de 2024. É a primeira vez que o traje-símbolo da ABL é feito fora do ateliê que costuma preparar as vestes dos imortais, como são chamados os integrantes da academia.

O vestido homenageia a ancestralidade africana e foi inspirado em traje usado por Rachel de Queiroz, também imortal, em 1977. A peça traz a cor verde escura dos fardões e conta com bordados em dourado e azul e referências aos orixás e a símbolos presentes em "Um defeito de cor", livro de quase mil páginas que tem como protagonista Kehinde, baseada na história de Luísa Mahin, uma das lideranças da Revolta dos Malês e que seria a mãe do advogado abolicionista Luís Gama.

A escritora foi recebida pela acadêmica Lilia Schwarcz, que resumiu a noite como "histórica", destacando que "Um defeito de cor" se tornou símbolo de um Brasil que clama por inclusão e pluralidade. "É a primeira vez que uma mulher negra com a importância literária, ativista e pessoal dela entra na ABL. Que traga toda uma diáspora negra, africana e afro-brasileira, que fez da ficção literária uma forma de memória cobrindo lacunas de uma história ainda tão ocidental e masculina", declarou a historiadora, que ocupa a cadeira 6.

O diploma foi entregue para a nova imortal por Gilberto Gil. A cerimônia foi acompanhada por outras mulheres integrantes da ABL: Ana Maria Machado, Rosiska Darcy de Oliveira, Fernanda Montenegro e Miriam Leitão. Em seu discurso, a escritora mineira afirmou que sua missão na academia é promover a diversidade e ampliar o diálogo com vozes historicamente excluídas. Ela lembrou a exclusão de mulheres e negros na história da instituição e citou a candidatura de Conceição Evaristo, em 2018, como um marco para a abertura da ABL. Conceição, que acompanhou a posse de Ana Maria, concorreu à cadeira 7. Na ocasião, recebeu apenas um voto. O cineasta Cacá Diegues, o escolhido, obteve 22.

Depois da solenidade, um jantar para 300 convidados foi servido com cardápio afro-brasileiro elaborado pelo Dida Bar e Restaurante. Ao final, Ana Maria seguiu para a Casa Savana, onde celebrou a posse com amigos e com a bateria da Portela.

Publicado em 2006, "Um defeito de cor" levou cinco anos para ser finalizado. A obra venceu o Prêmio Casa de las Américas em 2007, vendeu mais de 180 mil exemplares e chega agora à 46ª edição, com um livro comemorativo ilustrado por Rosana Paulino.

ines249

O italiano Carlo Ancelotti chegou à seleção brasileira depois de quase dois anos de negociação

DIVULGAÇÃO

A revolução dos gringos

A chegada de técnicos estrangeiros mudou o jogo no futebol brasileiro; o fenômeno incomoda treinadores que veem o domínio nacional escapar das mãos

Ismael Jales

O futebol brasileiro construiu sua reputação como potência mundial com cinco títulos de Copa do Mundo, todos sob o comando de técnicos daqui. Mas, desde 2002, ano em que a erguemos o troféu pela última vez, o cenário mudou. A seleção não voltou a disputar uma final e teve apenas uma semifinal, em 2014, marcada pelo traumático 7 a 1. O resultado foi um choque de realidade: o país do futebol precisava se reinventar.

Essa transformação começou aos poucos nos clubes e, em maio, chegou à seleção, hoje dirigida pelo italiano Carlo Ancelotti. O movimento de abertura ao exterior se intensificou nos últimos anos, com o aumento expressivo de técnicos estrangeiros no Brasileirão – e resultados que justificam o fenômeno.

A virada começou em 2019, com a contratação de Jorge Jesus pelo Flamengo. O português venceu praticamente tudo e deixou um legado que inspirou outros clubes. Desde então, a presença de estrangeiros nas áreas técnicas disparou: hoje, nove dos 20 times da Série A (45%) são comandados por profissionais de fora do país, como o argentino Jorge Sampaoli, que está em sua segunda jornada treinando o Atlético-MG (ele também foi técnico de Santos e Flamengo). Entre 2016 e 2018, essa fatia era de apenas 4,3%.

O nome mais emblemático desta nova era é o de Abel Ferreira. O português, de 46 anos, se tornou o técnico estrangeiro mais vitorioso da história do futebol brasileiro, com dez títulos conquistados pelo Palmeiras desde 2020. Sob seu comando, a agremiação ergueu duas Libertadores e modernizou sua estrutura, dentro e fora de campo. Abel também valorizou a base, transformando jovens em protagonistas – e em receitas milionárias para o clube.

Com o sucesso dos "gringos", a CBF decidiu seguir a tendência. Após negociações longas e controversas, iniciadas há cerca de dois anos, Ancelotti

O português Abel Ferreira, do Palmeiras, é o técnico estrangeiro mais vitorioso no Brasil.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

ines249

foi confirmado como técnico da seleção brasileira. A decisão, oficializada pelo atual presidente da entidade, Samir Xaud, dividiu opiniões. Técnicos brasileiros, especialmente os da velha guarda, reagiram mal.

Vanderlei Luxemburgo foi um dos primeiros a criticar. "Cadê os nossos treinadores? Parte da imprensa vem execrando os técnicos brasileiros. Felipão não presta mais, Dunga não presta mais, Luxemburgo não presta mais. Nós tínhamos essa experiência para passar aos outros", disse em entrevista ao programa de Galvão Bueno, na Band.

Durante o Fórum Brasileiro de Treinadores de Futebol, evento realizado pela CBF na terça-feira, 4, que discutiu a escola de técnicos no país, entre homenagens feitas a profissionais do esporte, Emerson Leão foi ainda mais incisivo: "Sempre disse que não gosto de treinadores estrangeiros no meu país. Mas tenho de ser inteligente o suficiente para dizer que nós somos culpados dessa invasão". As palavras foram ditas diante de Ancelotti.

Oswaldo de Oliveira endossou o discurso: "Eu não queria treinador estrangeiro, mas se tivesse de ser, que fosse esse senhor. Torci para ser ele. Depois que ele for embora campeão do mundo, que venha um brasileiro", declarou.

Caminho inverso

Enquanto os estrangeiros conquistam espaço no Brasil, o movimento inverso ainda é tímido. O país que exporta craques não exporta técnicos. As passagens de Felipão pelo Chelsea, em 2008, e de Luxemburgo pelo Real Madrid, em 2004, seguem como exceções.

Em 2025, no entanto, um brasileiro voltou a se destacar fora do país. Tiago Nunes, ex-Corinthians e Botafogo, levou a LDU de Quito à semifinal da Libertadores, eliminando dois clubes de peso: São Paulo e Botafogo.

O bom desempenho rendeu ao treinador uma indicação ao prêmio da IFFHS (Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol) de melhor técnico do mundo neste ano, ao lado de nomes como Abel Ferreira e Filipe Luís, que dirige o Flamengo. O resultado – que envolve 20 treinadores – sai no dia 10 de dezembro.

Mais de duas décadas após o último título mundial, o futebol brasileiro vive uma reconfiguração silenciosa. Os técnicos estrangeiros mudaram o estilo, o discurso e, em muitos casos, o resultado. A dúvida que permanece é se essa influência será apenas um ciclo ou se o futebol pentacampeão terá novo DNA. E

FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

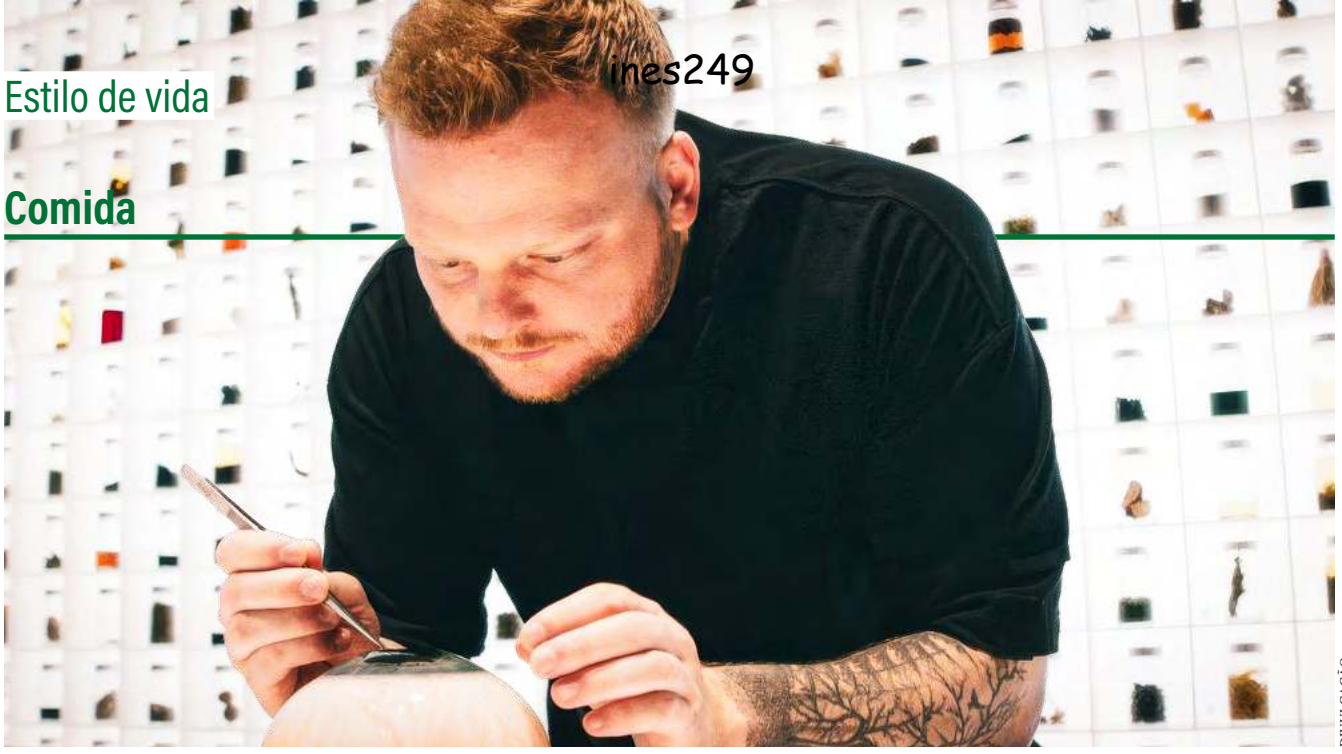
O argentino Jorge Sampaoli está em sua segunda jornada no Atlético-MG

Os técnicos estrangeiros na Série A

- **Abel Ferreira (Portugal)** Palmeiras
- **Leonardo Jardim (Portugal)** Cruzeiro
- **Davide Ancelotti (Itália)** Botafogo
- **Luiz Zubeldía (Argentina)** Fluminense
- **Hernán Crespo (Argentina)** São Paulo
- **Jorge Sampaoli. (Argentina)** Atlético-MG
- **Ramón Díaz (Argentina)** Internacional
- **Juan Pablo Vojvoda (Argentina)** Santos
- **Martín Palermo (Argentina)** Fortaleza

O brasileiro Tiago Nunes assumiu o comando da LDU, de Quito (Equador)

ines249



DIVULGAÇÃO

Rasmus Munk adota uma abordagem experimental em seu restaurante Alchemist, onde divide cada refeição em 50 "atos"

O alquimista

Eleito melhor chef do mundo, o dinamarquês Rasmus Munk alia arte contemporânea à alta gastronomia

Beatriz Mizuno

Eleito o Melhor Chef do Mundo em 2024 e 2025 pelo The Best Chef Awards, o dinamarquês Rasmus Munk opera uma cozinha experimental notória. Para além da apresentação curiosa de seus pratos, o significado por trás deles também é instigante, envolvendo sobretudo temas sociais e de sustentabilidade. Durante o evento Mesa São Paulo, onde esteve recentemente, o cozinheiro explicou por que estabelecer narrativas é algo que faz parte de sua cozinha.

Munk é criador do Alchemist, restaurante premiado com duas Estrelas Michelin em Copenhague, na Dinamarca. O estabelecimento une alta gastronomia à arte contemporânea e divide cada refeição em até 50 "atos", "combinando elementos comestíveis e puramente experienciais", entre sons, luzes, vídeos e intervenções sensoriais. O objetivo é criar uma "cozinha holística" que transforma a comida em arte e a arte em objeto de debate ambiental e antropológico.

Nascido em 1991 em Randers, na Dinamarca, Rasmus Munk começou a carreira na gastronomia aos 22 anos. Após concluir os estudos e passar por diferentes cozinhas, assumiu o comando do restaurante TreeTop, em Vejle, onde iniciou uma pesquisa sobre comida como forma de comunicação — processo que mais tarde se tornaria a essência de seu trabalho.

Em 2015, Munk abriu o primeiro Alchemist, que ficou conhecido por adotar uma abordagem experimental no serviço e na gastronomia. Dois anos depois, interrompeu as atividades para repensar o conceito da casa e inaugurou a nova versão do restaurante em 2019, trazendo uma imersão artística e científica à experiência gastronômica.

Dentre os exemplos de irreverência na cozinha, o chef destaca o "Tongue Kiss" — "beijo de língua", em tradução do inglês —, prato servido em uma peça de silicone que imita a língua humana. "A única maneira de comê-lo é, na verdade, 'beijando-o de língua'. É um bom quebra-gelo para a maioria dos clientes", brincou Munk, completando: "Pessoas que eu conheço cinco anos depois de uma visita [ao Alchemist] ainda se lembram da maioria dos pratos, porque talvez eles tenham sido apresentados de uma maneira inusitada".

Se há dez ou 15 anos o melhor chef do mundo se inspirava em texturas e produtos sazonais para executar sua cozinha, atualmente, o ponto de partida é outro. Elementos como o plástico no oceano, a arte de Andy Warhol e até mesmo a doação de órgãos e sangue tornaram-se inspirações para a criação dos pratos do Alchemist.

"Críticos perguntam: 'Por que precisamos ter todas essas narrativas? Por que precisamos comunicar sobre coisas como plástico nos oceanos e a fome no mundo? Por que um chef deveria fazer isso? Por que um restaurante deveria fazer isso? Mas eu acho interessante, quando olhamos para o mundo da arte, [e] em todos os outros campos artísticos, é bastante normal esperarmos que o artista tenha uma ideia, uma narrativa, al-

ines249

"Eight Layers of Life" simboliza doação de órgãos

"Bacalhau com microplásticos" tem apelo ambiental

"Tongue Kiss" é servido em peça que imita a língua

FOTOS DIVULGAÇÃO

go que ressoe com o espectador. E, neste caso, o cliente é o espectador no restaurante", pontuou Rasmus Munk.

A vanguarda culinária sustentável do chef inclui pratos como o "bacalhau com microplásticos", elaborado após a divulgação de relatórios que apontam grandes quantidades de contaminação por microplásticos no estômago de animais pescados no norte da Europa. A criação leva mandíbula de bacalhau grelhada com tutano defumado e plástico comestível feito da pele do peixe.

Há, ainda, o "Eight Layers of Life" ("oito camadas de vida", em português), com sabores como folhas de cerejeira, azeitonas pretas e sal marinho. O prato ainda contém sangue de veado fermentado e simboliza que um doador de órgãos pode salvar, potencialmente, oito vidas.

A sustentabilidade de Munk se expande para além da cozinha do Alchemist: no Spora, centro de inovação fundado pelo chef, cientistas e cozinheiros trabalham juntos em soluções que unem tecnologia e natureza. As criações incluem proteínas feitas a partir de dióxido de carbono (CO_2), chocolates elaborados com grãos de cervejaria e pratos que repensam o uso de resíduos alimentares.

Já com o projeto Junk Food, o dinamarquês distribui milhares de refeições para pessoas em situação de vulnerabilidade em seu país, além de desenvolver ações em hospitais infantis.

Da Dinamarca à estratosfera

O interesse de Munk por ultrapassar fronteiras físicas e conceituais levou o Alchemist a mirar o espaço. Para 2027, o chef planeja uma experiência gastronômica na estratosfera: uma viagem realizada em uma cápsula pressurizada elevada por um balão de hidrogênio, com duração de seis horas. A espaçonave ascenderá a cerca de 100 mil pés, ou 30,5 quilômetros acima do nível do mar. Os itens do cardápio serão preparados, em sua maioria, na cozinha do navio de onde a espaçonave decolará.

O jantar terá valor de US$ 495 mil, ou cerca de R$ 2,6 milhões na cotação atual, e terá lucro direcionado ao Space Prize, instituição que empodera jovens mulheres a participar na economia espacial.

Segundo Munk, a pesquisa gerada por essa iniciativa já inspira soluções aplicadas na Terra. Um exemplo é o "Space Bread" ("pão do espaço"), desenvolvido a partir de um molho de soja aerado e liofilizado, cuja textura crocante se desfaz instantaneamente na boca. Criada para superar as restrições da alimentação em gravidade zero, a tecnologia acabou por ser usada em um hospital infantil em Copenhague: crianças em tratamento de câncer, com feridas na garganta, puderam sentir a textura crocante sem desconforto. Σ

Spora, centro de inovação de Munk, repensa uso de resíduos alimentares em pratos

O chef oferecerá jantar em uma cápsula

FOTOS REPRODUÇÃO INSTAGRAM

ines249

“Estou vivendo o que pedi ao Papai Noel”

Em entrevista à IstoÉ, Kleber Mendonça Filho, diretor de “O Agente Secreto”, fala das perspectivas de concorrer ao Oscar, do sucesso no festival de Cannes e do impacto do filme sobre o público

Marília Barbosa

Com “O Agente Secreto”, Mendonça Filho consolida mais um grande ano para o cinema brasileiro

VICTOR JUCA

“Um quebra-cabeça”. É assim que o cineasta recifense Kleber Mendonça Filho define sua atual contribuição para o cinema nacional, o filme “O Agente Secreto”, do qual participou de todos os detalhes de direção, montagem e roteiro, e que estreou há uma semana nas telas de todo o Brasil – e com sucesso de bilheteria, em três dias da estreia, no dia 6, já foram arrecadados R$ 6,6 milhões. Aos 56 anos (quase 57), o diretor tem viajado o mundo para fazer campanha do longa-metragem escolhido para representar o Brasil no Oscar 2026, maior premiação cinematográfica internacional.

Se com “Ainda Estou Aqui”, filme de Walter Salles protagonizado por Fernanda Torres, o Brasil abraçou o cinema nacional como se fosse a Copa do Mundo, com “O Agente Secreto”, es-

ines249

trelado por Wagner Moura, o país volta a viver esse clima, na expectativa de repeteco. Os sonhos, porém, vão além da estatueta de Melhor Filme Internacional (o Oscar que "Ainda Estou Aqui" amealhou, em março). Nos corredores de Hollywood, fala-se até em indicação para Melhor Filme, Direção e Melhor Ator. Se essas especulações vão virar realidade, isso só será descoberto no dia 22 de janeiro, quando saem os indicados. Na categoria Melhor Filme Internacional, ainda há mais uma etapa a vencer: no dia 16 de dezembro sai a lista dos 15 filmes pré-selecionados para concorrer a esse prêmio.

O que se pode dizer, a esta altura, é que este ano é de Kleber Mendonça Filho, cineasta que iniciou sua carreira com o curta "Enjaulado" (1997). Hoje, em seu sexto longa-metragem, o diretor – que é formado em jornalismo e já atuou como professor de inglês e crítico de cinema – tem sua obra destacada por títulos especializados como The Hollywood Reporter, que apontou cinco oportunidades de Oscar para "O Agente Secreto". Além dos já citados acima, há chances com Melhor Roteiro e, talvez, uma surpresa, a indicação para Atriz Coadjuvante para Tânia Maria, que estreou na tela grande aos 72 anos em "Bacurau" (2019), outro trabalho do cineasta recifense (junto com o diretor Juliano Dornelles) que repercutiu bem no mercado internacional, obtendo o Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 2019.

"O Agente Secreto" é ambientado no Brasil de 1977. Moura interpreta Marcelo (papel pensado para o ator baiano), um professor especializado em tecnologia que muda para o Recife em busca de recomeço. Mas o que era para ser refúgio se torna tormento, marcado por vigilância e paranoia. A produção, que até o momento tem a maior estreia no ano de um filme brasileiro, conquistou, em Cannes, em maio, os prêmios de Melhor Diretor, Melhor Ator e o Fipresci, da crítica internacional. E a jornada continua a pleno vapor.

Em meio às prateleiras preenchidas do teto ao chão de livros e DVDs, que compõem um cenário inspirador para as dezenas de chamadas de vídeo das quais tem participado nos últimos meses, Mendonça Filho se coloca no lugar de "operário" de seu filme – como ele mesmo se intitula. Em entrevista exclusiva para IstoÉ, ele fala de expectativas, repercussões e críticas.

"É um filme brasileiro que está se comunicando muito bem com o Brasil, com o nosso jeito de falar. Evidenciou-se a polifonia brasileira de sotaques. É muito importante a gente se ouvir no audiovisual brasileiro, seja na televisão, nas séries ou no cinema", comenta.

Mendonça Filho faz um balanço sobre suas conquistas profissionais até aqui e revela que está realizando seu sonho de criança, cumprindo aquilo que sempre almejou: fazer cinema. "Sendo bem franco, estou vivendo o que eu pedi a Papai Noel. Nunca tive um plano B".

A primeira exibição do filme no país foi no Recife, cidade natal do diretor

DIVULGAÇÃO

Confira abaixo os principais ponto da entrevista.

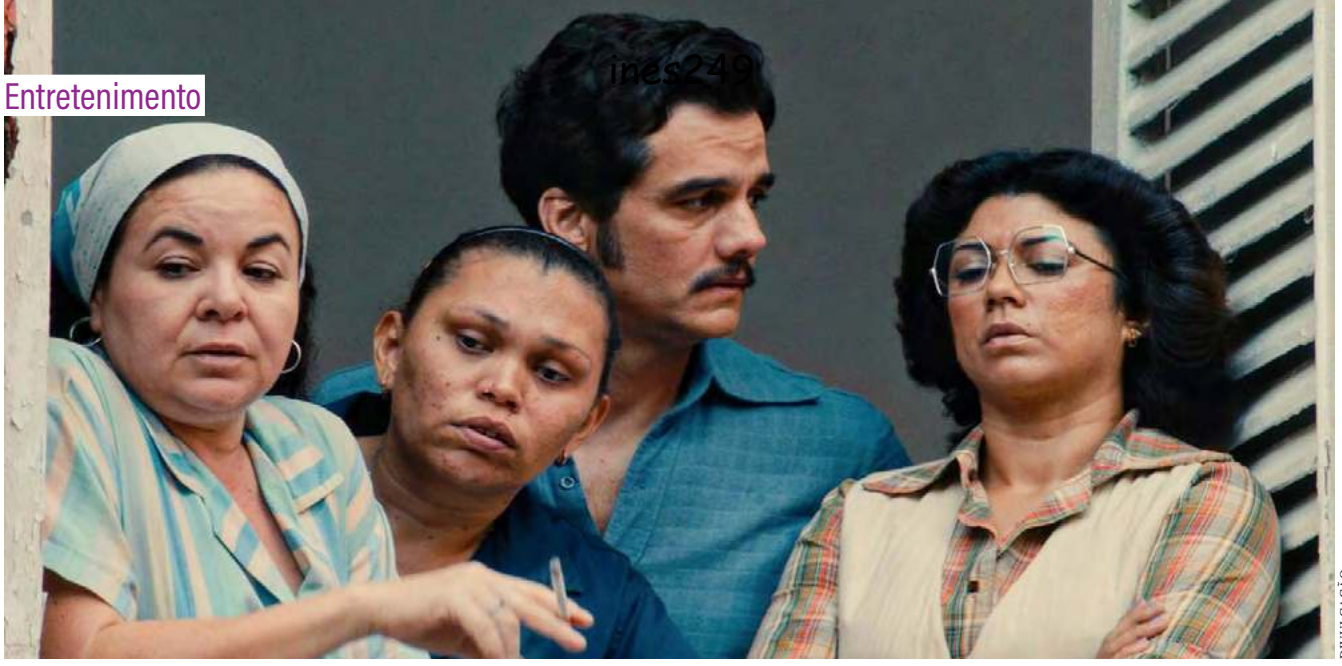
O que mudou na sua percepção do público de "O Agente Secreto" de Cannes para o Brasil?

A gente está vindo de pré-estreias que começaram em setembro. A primeira exibição no Brasil foi no Recife. De lá para cá, o filme passou de Manaus a Porto Alegre, Salvador, Festival do Rio, Curitiba, Mostra de São Paulo. É um filme brasileiro que está se comunicando muito bem com o Brasil, com o nosso jeito de falar. Tenho percebido, aliás, que depois que o filme começou a ser exibido no Brasil, evidenciou-se a polifonia brasileira de sotaques. Eu tinha pensado muito nisso já no roteiro e encontrando os atores. É muito importante a gente se ouvir no audiovisual brasileiro, seja na televisão, nas séries ou no cinema. Essa multiplicidade de sotaques, que vai do pernambucano ao paulista, ou do paulista com acento italiano ao angolano, ao sertanejo, ao potiguar, ao gaúcho alemão falando português, é muito interessante e bate forte. É algo que não tinha surgido, claro, nas reações do público fora do Brasil.

E a reação do público frente à história do filme?

É um filme que fala sobre a história do Brasil, isso é cristalino para os brasileiros. E a reação ao trabalho de Wagner [Moura] no filme é universal. Ele tem uma admiração muito grande no Brasil como estrela, ator. Entra o teatro que ele já fez, a televisão, o cinema. Ele tem personagens icônicos no cinema, como capitão Nascimento. E agora, ele interpretando Marcelo Armando [personagem central de "O Agente Secreto"], tenho certeza que é

ines249



DIVULGAÇÃO

Premiado em Cannes, Wagner Moura interpreta um professor de tecnologia que busca um recomeço, em um papel foi pensado para ele

um dos grandes papéis da carreira dele. Acho que as reações são de muita força no nosso país. Como ocorre com todo filme, cada pessoa, pela maneira de pensar, pela experiência de vida, pode sacar o filme imediatamente. Mas tem outras que talvez não. E tem uma recorrência de comentários, da crítica a pessoas na porta do cinema, que dizem que vão precisar ver uma segunda vez ou que querem ver uma segunda vez. E o filme, na segunda vez, é tão denso, tem tanta coisa acontecendo que você vai dizer: "Ah, isso aqui é muito interessante; não tinha percebido". Obviamente, nunca pensei em um game para esse filme, um PS5 do "O Agente Secreto". Não é isso. Mas eu acho que é um quebra-cabeça.

Algumas pessoas disseram que esperavam mais do final do filme, se decepcionaram um pouco. Como você lida com as críticas?

Tenho visto algumas reações dessa forma, mas são totalmente naturais. Se eu tivesse ido por um caminho mais óbvio, acho que eu estaria, talvez, tendo de lidar com reações negativas ao fato de ter ido por um caminho mais óbvio. A história pode acontecer de diversas formas. No cinema, você conta a história falando, conta a história mostrando, conta a história com pontuação. Tem todo tipo de reação, até de perplexidade. Tem reações de frustração também e essa frustração é emotiva, porque há um personagem muito especial, e você se apega a ele. E há, claro, a reação da violência, que é sempre muito chocante. Tenho recebido reações excelentes a todo o roteiro, inclusive para ser indicado às premiações, mas também entendo e aceito que algumas reações sejam de não entender a história ou de não aceitá-la.

Aproveitando que citou o tópico de violência, qual a importância de lançar esse filme em meio ao que tem acontecido no país nas últimas semanas, sobretudo no Rio?

Eu acho que os melhores filmes, músicas, livros, peças, são retratos artísticos da sociedade onde a gente vive. Existe uma reação, inclusive, de quem não é brasileiro, mas muito forte no Brasil, de como esse filme consegue ser cinema, mas ao mesmo tempo ter alguma coisa muito franca sobre o Brasil — aconteceu com "Bacurau" (2019) e "Aquarius" (2016). Essa franqueza pode ser fascinante, ela pode ser um pouco ácida e dura, mas estabelece uma relação forte com a realidade do país. O Héctor Babenco fez "Carandiru" (2003), que é uma revisão do que aconteceu em 1992 no Carandiru, em que 111 presos foram massacrados. Todo mundo sabe que foi uma oportunidade utilizada pela polícia de São Paulo para matar pessoas. Aquele filme é uma análise literal de uma tragédia brasileira. Pessoalmente, admiro muito, mas não conseguiria fazer aquele filme. Prefiro abordar não diretamente, mas de maneira circular, talvez, e ainda assim ser honesto, como o "Carandiru" é, mas não de maneira frontal. "O Agente Secreto" se passa nos anos 1970 e, desde que eu falei pela primeira vez, sempre me dizia: "Ah, ditadura". O filme não tem os elementos que o cinema chileno, argentino e brasileiro geralmente usam para ilustrar a ditadura: homens fardados com capacete verde, caminhões do exército, choques elétricos, assalto ao banco dos militantes de esquerda, que querem pegar dinheiro para bancar as ações. As palavras "aparelho", "ditadura" e "tortura" não estão nesse filme, e muito menos em ações. Então, o filme é sobre aquele momento, sobre o regime militar, mas não é exatamente sobre ele. Essa franqueza pode se manifestar de outras maneiras.

Esse estilo e essa linguagem podem atrair a parte do público que corresponde à massa da sociedade?

É difícil dizer, mas, considerando toda a energia em torno do filme e os filmes que eu já fiz, o "Bacurau" é um filme que furou a bolha, Wagner Moura é um grande nome da cultura brasileira, além da forma surpreendente como muita gente já reagiu ao filme dizendo que não imaginava que seria tão engraçado, ou dizendo que adorou a Dona Sebastiana [Tânia Maria], ou que elogiou a Alice Carvalho em apenas cinco minutos de filme, em que ela bota para lascar, a reconstituição de época, dos carros. Tem muitos elementos em "O Agente Secreto" que podem conquistar, como o uso de música. Gostando ou não gostando, esse filme é um retrato do Brasil bem interessante e eu

ines249

"O Agente Secreto" traz o Brasil dos anos 1970, com carros da época como um Fusca amarelo

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

estou muito curioso para ver o que vai acontecer a partir de agora.

E o Oscar? Vem aí ou prefere seguir a linha da Fernanda Torres de não se precipitar?

Vou seguir e adotar as palavras de Fernanda. Nós fomos muito felizes para o Festival de Cannes. Eu não estava contando com os prêmios. Esperava que tivesse uma boa reação ao filme, que é muito peculiar, e eu acho que é muito bom. Mas estava esperando que a melhor coisa que pudesse acontecer era uma reação boa. E aí vieram os prêmios de Melhor Diretor, Melhor Ator e Melhor Filme da Crítica Internacional. A partir daí, o filme começa a entrar em um sistema de prestígio internacional. Estávamos em campanha antes de saber que estávamos na campanha da temporada de prêmios da América do Norte. Hoje, o filme parece muito bem posicionado para essa temporada. Fala-se muito em Wagner como Melhor Ator. Fala-se de Melhor Filme Internacional, de ser um dos dez indicados para Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro. Já falaram de dona Tânia. Mas eu não sei. Acho que a gente precisa ir semana por semana. O público brasileiro, que é maravilhoso e dá uma energia muito grande a essa coisa toda do Oscar, ajuda muito a gente a pensar: "Ok, vamos nessa". Mas é bom seguir o que a Fernanda falou: não vamos nos precipitar. Já sobre o clima de Copa do Mundo eu não tenho controle. Eu sou muito atuante nas redes, mas não estimulo um clima de Copa. Eu estimulo a informação correta sobre o que está acontecendo com o filme. Nada do que eu postar é mentira ou um exagero; é tudo correto. Às vezes, coloco um raiozinho e uma taça de vinho. Mas, além disso, não há exagero, não há mentira e não há falsa verdade, porque esse filme não precisa disso. Tudo o que tem acontecido com "O Agente Secreto" até agora é espetacular.

Deixando "O Agente Secreto" de lado, quais seus próximos passos? Você já até respondeu sobre ir para a Marvel, né? Como tem lidado com as especulações?

Não vou para a Marvel, porque eles já devem ter aplicativos para dirigir os filmes e eu até agora tenho desenvolvido meus próprios roteiros e ideias. Não descarto a possibilidade de algo chegar para mim e eu dizer: "Uau, acho que poderia fazer algo com esse roteiro". Adoraria fazer um filme nos Estados Unidos ou um filme na França. Nos Estados Unidos, porque acho que eu me sentiria à vontade — não porque eu já morei nos Estados Unidos. Nunca morei. Mas porque tenho uma relação forte com a história do cinema americano. E na França, porque a minha companheira, Emilie [Lesclaux, produtora cinematográfica e cientista política], é francesa e eu, de fato, tenho uma relação com a França. Mas acho que poderia também fazer um filme no Rio de Janeiro, com o qual sinto uma conexão. Com São Paulo também. Já fui a São Paulo vezes suficientes na minha vida para achar que eu poderia. Filmei três sequências para "O Agente Secreto" em São Paulo e me senti totalmente em casa. Então, por que não? Mas, para mim, é um pouco estranho fazer um filme na Islândia, por exemplo. Só vejo como locação de outro planeta, que é o que a Islândia funciona muito bem. Tenho amigos na Islândia, adoro aquele lugar, mas é muito estrangeiro para a minha experiência de vida.

E se você pudesse voltar no tempo e mandar um recado ao Kleber criança sobre o seu atual futuro e todas essas conquistas, qual recado daria?

Sendo bem franco, eu estou vivendo o que pedi a Papai Noel. Eu realmente nunca tive um plano B. Tudo o que eu fiz desde que saí da universidade foi tentar me aproximar do cinema, um adolescente querendo ver de perto como acontece um filme, forçar a barra em trabalhos da faculdade de jornalismo para tentar usar equipamentos de vídeo ou câmera, que, naquela época, era quase uma coisa mágica, escrever sobre cultura e depois escrever sobre cinema, me ver programando uma fala ainda nos meus 20 e poucos anos. Eu nunca tive um plano B. Tudo bem, ensinei inglês ainda durante a universidade e, depois de me formar, fiquei um ano desempregado como jornalista ensinando inglês. Esses foram planos B que nunca foram planos B, nunca me vi nisso, mas foi um período muito bom de ganhar um dinheiro. Hoje eu faço filmes, desenvolvo ideias, continuo tendo o desejo e o amor de compartilhar filmes com pessoas em salas de cinemas que eu amo. Então, o que eu falaria para o Kleber criança é a mesma coisa que eu fiz desde então. Tive uma mãe que sempre me apoiou muito. Nunca nem ouvi do meu pai: "Deixa de besteira, rapaz; vai fazer medicina, direito", ou "Isso é hobby besta". Nunca ouvi isso, o que ajudou muito. Mas sei lá, se eu tivesse nascido na família errada e ouvisse isso, talvez fosse outro motivo para eu contrariá-los.

R&B à brasileira

Ludmilla lança seu sexto álbum, "Fragmentos", uma mescla entre Rhythm & Blues, funk carioca, samba e ijexá

A capa do novo trabalho da artista é uma metáfora sobre reconstrução

DIVULGAÇÃO

Com o lançamento de "Fragmentos", seu sexto álbum de estúdio, Ludmilla abre mais um capítulo em sua trajetória e reafirma sua posição como uma das artistas mais inovadoras da música brasileira. O novo projeto, disponível nas plataformas de áudio desde a semana passada, apresenta uma coleção de canções que mesclam R&B contemporâneo com influências da música brasileira, refletindo amor, desejo, poder pessoal e as contradições da mulher moderna.

Maior cantora negra da América Latina e atualmente no sexto lugar entre as mulheres pretas mais ouvidas do mundo, ao lado de nomes como Beyoncé, Rihanna e Nicki Minaj, Ludmilla soma mais de 15 bilhões de streams e segue expandindo as fronteiras de gênero e linguagem musical.

"Fragmentos" é resultado de um ano e meio de imersão criativa, entre o Brasil e os Estados Unidos. Nas gravações em estúdios lendários como o Westlake Studios – onde Michael Jackson gravou "Thriller" e Beyoncé, "Cowboy Carter" –, Lud trabalhou com London on the Track, Los Hendrix, Max Gousse e Poo Bear, produtores ligados a nomes como SZA, Drake, Justin Bieber e H.E.R.

O álbum reflete a vida e a trajetória da artista, unindo experiências pessoais, afetivas e profissionais. Nas 15 faixas, Ludmilla exibe vocais potentes e uma sonoridade sofisticada que mistura o R&B a gêneros brasileiros como funk carioca, samba, pagode e ijexá. "Esse álbum pode ser descrito como um registro de momentos diversos da minha vida e das pessoas que cruzaram meu caminho. Cada faixa captura fragmentos de emoção, memória e identidade", resume a cantora.

A capa reforça o conceito: cercada por troféus que representam suas conquistas, Ludmilla aparece com uma máquina de solda soltando faíscas sobre o peito. É uma metáfora para a reconstrução de si mesma a partir de suas vivências.

Desde o álbum de estreia, "Hoje" (2014), Ludmilla já flertava com o R&B em faixas como "Eu Não Quero Mais" e "Sintomas de Prazer", além dos projetos Lud Session e Numanice. Mas é em "Fragmentos" que ela abraça o gênero por completo, apostando em uma estética que dialoga com o mercado global sem perder a identidade brasileira, um movimento tão ousado quanto o que ela fez ao reinventar o pagode com o Numanice, hoje um fenômeno cultural e inspiração para outros projetos musicais com evento.

As colaborações reforçam a força feminina que permeia o novo trabalho. Veigh é o único convidado masculino em um time que inclui Luísa Sonza, Duquesa e Ajuliacosta e as norte-americanas Latto, Muni Long — que canta em português em "Tudo Igual" — e Victória Monét, com quem Lud divide os vocais em "Cam Girl", apresentada ao vivo no The Town.

A direção criativa, assinada por Gabe Lima e pelo estúdio Puritana, constrói um universo visual que mistura realidade e imaginação.

"Criamos um universo próprio, ambientando cada música em fases e desafios, um grande embate entre vulnerabilidade e triunfo. Queríamos que o público enxergasse não só o brilho, mas também as dores por trás dele", explica Gabe.

A artista participou ativamente de todo o processo, da concepção estética às filmagens. "A Lud estava completamente entregue, criando junto, propondo ideias e vibrando a cada etapa. Construímos esse universo de forma literal, dentro de um galpão imenso, com sets longos e ritmo desafiador", completa o diretor.

ines249

Filmes e séries

Ilusões e duelos

Nos cinemas, estreiam "Truque de Mestre" e "(Des)Controle", com Carolina Dieckmann. No streaming, a história de Ângela Diniz

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"Truque de Mestre – O 3º Ato"
A franquia retorna após nove anosdesde o último filme. Agora, os "Quatro Cavaleiros" voltam com umanova geração de ilusionistas para o roubo de uma joia lendária. Noelenco, estão Jesse Eisenberg, Woody Harrelson, Isla Fisher, MarkRuffalo e Morgan Freeman.

"Eddington"
Ambientado em uma pequena cidade do Novo México durante a pandemia, o filme mostra o embate entre o xerife Joe Cross (Joaquin Phoenix) e o prefeito Ted Garcia (Pedro Pascal), enquanto o medo e a desordem tomam conta da população. Com Emma Stone.

"Sombras no Deserto"
No Egito sob domínio do império romano, uma família vive escondida para proteger um menino com dons sobrenaturais. Nicolas Cage interpreta o pai. O filme mistura terror, suspense e atmosfera bíblica.

"(Des)Controle"
Dirigido por Rosane Svartman e Carol Minêm, o longa traz Carolina Dieckmann no papel de uma escritora em crise criativa e emocional que enfrenta o alcoolismo e o medo do fracasso.

Destaques do streaming

"Ângela Diniz: Assassinada e Condenada"
Minissérie dramatizada querevisita o assassinato da socialite Ângela Diniz pelo marido, DocaStreet em 1976. Com Marjorie Estiano e Emílio Dantas, a produçãoaborda o crime, o julgamento e o impacto social do caso. Estreia no dia 13.
HBO Max

"Maldade"
Série que estreia no dia 14 com Jack Whitehall, David Duchovny ("Arquivo X") e Carice van Houten, que acompanha um homem misterioso ao se infiltrar em uma família rica, revelando segredos sombrios e intenções ocultas.
Prime Video

"Embaixo da Luz de Neon"
Documentário sobre as poetas Andrea Gibsone Megan Falley, que enfrentam juntas um diagnóstico de câncer terminal. Na programação a partir do dia 14.
Apple TV+

"O Filho de Mil Homens"
Filme inspirado no livro de Valter Hugo Mãe, protagonizado por Rodrigo Santoro que vive um pescador de 40 anos que sonha em ser pai e decide formar uma família inusitada com um menino órfão. Estreia no dia 19.
Netflix

ines249

Enem e "Tremembé"

As redes repercutiram o caso de aluno diabético retirado do Enem, em 2024, devido ao alarme de um equipamento médico. Mas, agora, ele pode fazer o exame. E continua o engajamento da série do Prime Video

Enem 2025: Da expulsão à inclusão

Diagnosticado com diabetes tipo 1 aos nove anos, o estudante e residente de Salto do Jacuí no Rio Grande do Sul, Augusto Brito, prestou, em 2024, o Enem (Exame Nacional do ensino médio) como treineiro. Mas foi retirado da prova após o alarme que controla seu sensor de glicemia disparar. Neste ano, o Enem incluiu esse e outros dispositivos médicos eletrônicos nas salas de provas.

288 mi ♡ 2 mil

Sobrinho de Bolsonaro: julgado e absolvido

Um sobrinho do ex-presidente Jair Bolsonaro foi julgado na terça-feira, 11, na 3ª Vara do Tribunal de Justiça de São Paulo. O empresário Orestes Bolsonaro Campos respondeu a acusações de tentativa de feminicídio contra a ex-esposa e tentativa de homicídio do então namorado dela. Os casos ocorreram em outubro de 2020. A ex-esposa relatou que ela e o namorado estavam dormindo, quando acordaram com Orestes tentando feri-los com um pedaço de madeira. A mulher conseguiu se esquivar dos golpes, porém, o namorado foi atingido na cabeça. O empresário foi absolvido dessas acusações, mas foi condenado por lesão corporal.

39 mil ♡ 747

Tarcísio é favorito para unir direita em 2026, diz pesquisa

Um levantamento do Ranking dos Políticos feito com deputados federais e senadores aponta vantagem de Tarcísio de Freitas (Republicanos) na capacidade de unificar o campo da direita para as eleições de 2026. Divulgado na segunda-feira, 10, o relatório analisa como se organiza o cenário eleitoral sem Jair Bolsonaro (PL). Dos respondentes, 56,1% apontaram para o governador de São Paulo. Atrás, estão Ratinho Júnior (15,0%) e Michelle Bolsonaro (11,2%). Eduardo Bolsonaro e Romeu Zema têm 3,7% cada, e Ronaldo Caiado, 1,9%.

156 mil ♡ 2,6 mil

Ponte recém-inaugurada desaba na China

Parte da ponte Hongqi desabou na província de Sichuan, no sudoeste da China. Não há registro de vítimas. A construção foi concluída no início de 2025 e fazia parte de uma importante rodovia que liga o interior do país à região do Tibete. As autoridades chinesas avaliam os riscos de novos deslizamentos nas proximidades da ponte.

94 mil ♡ 1,6 mil

Tremembé: como estão os criminosos que inspiram a série hoje?

A série "Tremembé", do Prime Video, abre os portões do "presídio dos famosos", retratando a rotina de alguns dos criminosos de maior repercussão no país. O enredo é inspirado em dois livros do jornalista Ullisses Campbell, que investigou as histórias por trás das grades da Penitenciária de Tremembé (SP). A produção desperta a curiosidade do público sobre como vivem hoje aqueles que protagonizaram tais crimes.

55,5 mil ♡ 880

www.istoe.com.br | Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/ | YouTube: youtube.com/@revistaISTOE | Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe | LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe | X: x.com/istoe

Palavra por palavra

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Vejo uma jovem senhora malucona, rodando o mundo com meus incensos e palo santo, sempre nessa vibração que tenho hoje. Espero que seja assim; estou me preparando para isso"

Angélica, apresentadora, quase 52 anos, projetando como será aos 60

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Não fiz o Enem, mas estive presente — e que honra a forma como aconteceu! Foi o máximo ser citada em uma questão tão importante"

Paolla Oliveira, atriz, que foi mencionada no exame do Enem em uma questão sobre padrões de beleza impostos pela sociedade

"Voltei para o cinema e já tenho seis filmes chegando aos cinemas, um deles até com protagonismo na Itália. Lá, o trabalho tem repercussão. Aqui, saíram duas notinhas apenas. Uma mulher preta como protagonista em filme italiano e quase ninguém fala"

Neusa Borges, atriz, 84 anos, que está há mais de dez anos longe das novelas

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

STRINGER/REUTERS

"Dei tudo pelo futebol. Estou no esporte há 25 anos. Fiz de tudo, tenho muitos recordes em diferentes cenários, em clubes e também na seleção. Estou muito orgulhoso. Então, vamos aproveitar o momento, viver o momento"

Cristiano Ronaldo, atleta da seleção portuguesa, revelando que a Copa de 2026 será sua última

"Ele está dobrando a aposta na estupidez. Mas Trump é temporário"

Gavin Newsom, governador da Califórnia e representante dos Democratas, que esteve na COP30, sobre o presidente dos EUA – que determinou a saída do país do Acordo de Paris

MAURO PIMENTEL / AFP

Paixão sobre rodas.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br